

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 5



Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 5 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1336-3 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.363230805 1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O volume *Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 5* reúne quatro capítulos dentro do escopo proposto no título. Desses artigos, três são da área dos Estudos Literários e um da Linguística, mais especificamente, ecolinguística, resultado de uma interdisciplinaridade entre botânica e linguística.

Os textos que cotejam a Literatura são sobre a obra de escritoras mulheres dos séculos XX e XXI, sendo as portuguesas Dulce Maria Cardoso e Gabriela Llansol e a cubana Dulce María Loynaz. As abordagens dos textos dialogam com o não dito – o vestígio – no texto literário, como também com a antropologia, no empréstimo do termo intersecção, e com os estudos decoloniais e a psicologia, na relação feita entre condição fronteiriça, não-pertença e paratexto literário.

Já o artigo que trata da ecolinguística traz uma interessantíssima abordagem dos estudos botânicos, com o que os autores nomeiam de metáfora vegetal. O estudo do registro do nome de plantas relacionado direta ou indiretamente com o mundo animal encanta, e o diálogo com a ecolinguística fascina o leitor com a criatividade do estudo em pauta.

Portanto, o e-book em pauta, devido à rica abrangência temática e teórica, bem como a interdisciplinaridade e intertextualidade empregadas, apresenta uma leitura interessante para pesquisadores de todos os níveis: graduandos, graduados, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores, bem como professores universitários titulares e/ou livre-docentes.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

CAPÍTULO 1	1
A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA EM <i>O RETORNO</i> , DE DULCE MARIA CARDOSO, E EM SUA EPÍGRAFE, DE DULCE MARÍA LOYNAZ	
Gabriela Cristina Borborema Bozzo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3632308051	
CAPÍTULO 2	15
OS VESTÍGIOS NO TEXTO DE MARIA GABRIELA LLANSOL	
Winnie Wouters	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3632308052	
CAPÍTULO 3	27
PERSONAGENS QUE VAGUEIAM: A INTERSECÇÃO FICCIONAL EM DULCE MARIA CARDOSO	
Gabriela Cristina Borborema Bozzo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3632308053	
CAPÍTULO 4	40
ISSO É UM ANIMAL OU UMA PLANTA? FITONÍMIA REFERENTE A ANIMAIS: ABORDAGEM ECOLINGÜÍSTICA	
Mydian Cristiane da Rocha Santos	
Eraldo Medeiros Costa Neto	
Gilberto Paulino de Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3632308054	
SOBRE A ORGANIZADORA	64
ÍNDICE REMISSIVO	65

A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA EM *O RETORNO*, DE DULCE MARIA CARDOSO, E EM SUA EPÍGRAFE, DE DULCE MARÍA LOYNAZ

Data de aceite: 02/05/2023

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

FCLAr/UNESP

Araraquara – SP

<http://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

Grosfoguel para compreender a condição fronteiriça.

PALAVRAS-CHAVE: Condição fronteiriça. Não-pertença. Epígrafe. Dulce Maria Cardoso. Dulce María Loynaz.

RESUMO: A condição fronteiriça estudada na decolonialidade pode ser relacionada à não-pertença por nós definida em pesquisa prévia. Assim, figuram nosso *corpus* o romance português contemporâneo *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, e o texto-origem de sua epígrafe, o poema “Rosas”, da escritora cubana Dulce María Loynaz. Objetivamos averiguar as relações entre a condição fronteiriça decolonial e a não-pertença, bem como a relação entre esses conceitos e o romance e o poema do qual se origina sua epígrafe. Ou seja, estudamos relações entre dois conceitos e como se dá a relação entre esses no intertexto romance-epígrafe. Para tanto, embasamos em duas publicações nossas prévias, a saber, *O que é a não-pertença e como se dá a sua construção em Os meus sentimentos, de Dulce Maria Cardoso* e “Não-pertença: uma definição psicossocial” para a definição da não-pertença; em “Decolonialidade e perspectiva negra”, de Bernardino-Costa e

THE BORDER CONDITION IN *O RETORNO*, BY DULCE MARIA CARDOSO, AND IN ITS EPIGRAPH, BY DULCE MARÍA LOYNAZ

ABSTRACT: The border condition studied in decoloniality can be related to the sense of not belonging defined by us in previous research. Thus, our *corpus* includes the contemporary Portuguese novel *O retorno*, by Dulce Maria Cardoso, and the source text of its epigraph, the poem “Rosas”, by the Cuban writer Dulce María Loynaz. We aim to investigate the relationship between the decolonial border condition and the sense of not belonging, as well as the relationship between these concepts and the novel and the poem from which its epigraph originates. In other words, we study relationships between two concepts and how the relationship between them occurs in the novel-epigraph intertext. In order to do so, we base ourselves on two previous publications of ours, namely, *O que*

é a não-pertença e como se dá a sua construção em *Os meus sentimentos*, de Dulce Maria Cardoso and “Não-pertença: uma definição psicossocial” for the definition of the sense of not belonging; in “Decolonialidade e perspectiva negra”, by Bernardino-Costa and Grosfoguel to understand the border condition.

KEYWORDS: Border condition. Non-belonging. Epigraph. Dulce Maria Cardoso. Dulce María Loynaz.

1 | INTRODUÇÃO

A priori, a condição fronteiriça definida por Bernadino-Costa e Grosfoguel está relacionada aos povos periféricos em um território nacional, como é o caso de negros e indígenas no Brasil. Essa condição fronteiriça pode ser relacionada à não-pertença por nós definida em pesquisa prévia, a qual figura o sentimento de deslocamento que o indivíduo experiencia quando age nos extremos “eu” e/ou “mim”, por nós definidos previamente embasando-nos na psicologia social de George H. Mead.

Já o *corpus* do presente estudo é composto, primeiramente, pelo romance *O retorno*, da escritora portuguesa contemporânea Dulce Maria Cardoso. A obra apresenta a perspectiva do narrador-protagonista adolescente angolano Rui, cujos pais são portugueses, e cuja família retorna para Portugal com a descolonização da Angola na década de 1970.

Segundamente, o *corpus* é também composto pelo texto-origem da epígrafe de *O retorno*, ou seja, o poema “Rosas”, da escritora cubana Dulce María Loynaz. O trecho final do poema, que aparece no romance na fala de Rui como algo que sua mãe diz, é “las cosas que se mueren / no se deben tocar” (LOYNAZ, 2018). Traduzindo, as coisas que morrem não se devem tocar. Assim, a epígrafe figura uma referência à não verbalização do passado, que já está morto e não deve ser tocado.

Embasamo-nos, pois, em (1) *O que é a não-pertença e como se dá a sua construção em Os meus sentimentos*, de Dulce Maria Cardoso e “Não-pertença: uma definição psicossocial”, publicações nossas prévias para a definição da não-pertença; (2) “Decolonialidade e perspectiva negra”, de Bernardino-Costa e Grosfoguel para compreender a condição fronteiriça.

2 | A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA E SUA RELAÇÃO COM A NÃO-PERTENÇA

Inicialmente, é cabe ressaltar que há potência dos escritos decoloniais em averiguar nosso *corpus* – o romance português *O retorno* e sua epígrafe, bem como o texto-origem da epígrafe –, e é importante destacar o que afirmam Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 20) em “Decolonialidade e perspectiva negra”, quando àqueles que são atravessados pela colonialidade no mundo moderno/colonial:

(...) o projeto decolonial reconhece a dominação colonial nas margens/ fronteiras externas dos impérios (nas Américas, no sudeste da Ásia, no norte da África), bem como reconhece a dominação colonial nas margens/fronteiras

internas dos impérios, por exemplo, negro e chicanos nos Estados Unidos, paquistaneses e indianos na Inglaterra, magrebinos no França, negros e indígenas no Brasil etc.

Essa afirmação pode ser estendida aos seres fronteiriços de *O retorno*: Rui e Milucha, nascidos em Angola, filhos de portugueses, que se tornam retornados. Os retornados em Portugal seriam, assim, para nós, dominados fronteiriçamente pela colonialidade.

Assim, embora em Angola o outro seja o negro, em Portugal o outro é o retornado. A visão do outro nesse contexto decolonial também é proposta por Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 17-18):

A partir do século XVI iniciou-se, portanto, a formação do eurocentrismo ou, como nomeia Coronil (1996), do ocidentalismo, entendido como o imaginário dominante do mundo moderno/colonial que permitiu legitimar a dominação e a exploração imperial. Com base nesse imaginário, o outro (sem religião certa, sem escrita, sem história, sem desenvolvimento, sem democracia) foi visto como atrasado em relação à Europa. Sob esse outro é que se exerceu o “mito da modernidade” em que a civilização moderna se autodescreveu como a mais desenvolvida e superior e, por isso, com a obrigação moral de desenvolver os primitivos, a despeito da vontade daqueles que são nomeados como primitivos e atrasados (Dussel, 2005). Esse imaginário dominante esteve presente nos discursos coloniais e posteriormente na constituição das humanidades e das ciências sociais. Essas não somente descreveram um mundo, como o “inventaram” ao efetuarem as classificações moderno/coloniais. Ao lado desse sistema de classificações dos povos do mundo houve também um processo de dissimulação, esquecimento e silenciamento de outras formas de conhecimento que dinamizavam outros povos e sociedades.

Dessa forma, os retornados se tornam um povo que, com o movimento da colonização, colonizam Angola e, posteriormente, com a descolonização, retornam ao país de origem, tornando-se o outro em Portugal.

Assim, o sujeito que vive na fronteira e rejeita ou incorpora a narrativa colonial é discutido por autores dos estudos decoloniais. Sobre isso, Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 18) afirmam:

Porém, os sujeitos coloniais que estão nas fronteiras – físicas e imaginárias – da modernidade não eram e não são seres passivos. Eles podem tanto se integrar ao desenho global das histórias locais que estão sendo forjadas como podem rejeitá-las. É nessas fronteiras, marcadas pela diferença colonial, que atua a colonialidade do poder, bem como é dessas fronteiras que pode emergir o pensamento de fronteira como projeto decolonial.

Desse modo, temos, nos estudos decoloniais, a ideia de que a modernidade vem junto com a colonialidade, bem como o conceito de sistema-mundo. Nesse sentido, a condição fronteiriça proposta no trecho pode ser relacionada ao sentimento de não-pertença definido por nós em pesquisa prévia. Isso pode ser observado, inicialmente, nos diferentes nomes que os diversos pesquisadores dão à não-pertença:

(...) cabe salientar as diferentes nomeações desse sentimento na fortuna

crítica. O que chamamos de não-pertença é chamado de “desajuste” (BARROS, 2016, p. 194), “sentimento de sem-lugar” (KELM, 2011, p. 180), “sentimento de inadequação” (MACHADO, 2013, p. 1), “não pertencimento” e “sentimento na fronteira” (MALTA, 2014, p. 11; 75). Esse sentimento é definido por Machado (2014, p. 179) como “autoexílio identitário.” Contudo, optamos por “não-pertença” por ser o termo aludido pela escritora em entrevista, (...). (BOZZO, 2020, p. 31)

Dentre os nomes dados ao sentimento por nós referido como “não-pertença”, temos “sentimento de sem-lugar” e “sentimento na fronteira”, e ambos nomes podem ser relacionados à ideia decolonial do sujeito fronteiriço e sua negação ou incorporação da narrativa local.

A não-pertença, assim, definida previamente em dissertação de mestrado (BOZZO, 2020, p. 5-14), foi trabalhada por nós na vertente da psicologia social, com o aparato da psicologia humanista, da sociologia e da história, como foi por nós dito:

Para definir a não-pertença, embasamo-nos na psicologia social de George H. Mead, organizada por Charles W. Morris no volume *Mente, self e sociedade* (2010) a partir de anotações dos alunos de Mead, da Universidade de Chicago, onde lecionou de 1901 a 1931. Chegamos à teoria de Mead por meio das considerações de Axel Honneth, em *Luta por reconhecimento* (2003), em que ele afirma ser a teoria de Mead a melhor atualização do estudo hegeliano sobre a necessidade de reconhecimento intersubjetivo. Desse modo, a não-pertença, apesar de não mencionada diretamente por Mead, é definida por nós como o resultado do desequilíbrio entre as fases do *self* que ele propõe, sendo esse último o processo no qual a personalidade do indivíduo se desenvolve. Além dela, também utilizamos como baliza teórica para a definição a teoria da motivação humana do psicólogo humanista Abraham Maslow (1987), primeiramente publicada em 1943, e os conceitos de identidade e pertencimento de Zygmunt Bauman (2005), publicados inicialmente em 2004. (BOZZO, 2020, p. 3).

Assim, com o embasamento descrito e aparando-se principalmente na psicologia social de Mead, a não-pertença foi definida como fruto do desequilíbrio entre as fases do *self*, ou seja, fruto da conduta do extremo “eu” ou extremo “mim” que geram, respectivamente, autoexílio identitário e automutilação identitária, como afirmamos em outra publicação prévia:

Em primeiro lugar, a não-pertença trata-se de um sentimento experienciado pelo indivíduo que não se sente parte do meio em que está inserido. Além disso, para a escritora Dulce Maria Cardoso, a pertença constitui um instinto humano. Nesse sentido, a não-pertença é, inicialmente, uma experiência relacionada ao tempo histórico-político em que o sujeito vive, uma vez que a crise do pertencimento a uma ideia de nação gera o questionamento acerca da nossa identidade, como propôs o historiador e sociólogo Zygmunt Bauman (2005, p. 26). Além disso, a não-pertença constitui uma necessidade intrínseca ao ser humano, compondo uma das necessidades básicas da hierarquia proposta pelo psicólogo humanista Abraham Maslow (1987, p. 20-21). Partindo da necessidade de pertencimento como intrínseca ao ser humano e da afirmação sobre a pertença da escritora portuguesa

contemporânea, chegamos à necessidade de reconhecimento intersubjetivo estudada por Hegel, cuja atualização do estudo, segundo o sociólogo alemão Axel Honneth(2003, p. 125), é desenvolvida pelo psicólogo social George H. Mead (2010, p. 151). Nesse sentido, utilizando a teoria de Mead como baliza teórica, propomos como definição de não-pertença o sentimento resultante do desequilíbrio entre as fases do *self*, processo social no qual a personalidade se desenvolve. Desse modo, o indivíduo assume as condutas do extremo “eu” ou extremo “mim”, não estabelecendo uma relação de mudança mútua com a sociedade e, como consequência, experienciando a não-pertença. (BOZZO, 2020, p. 232-233).

Dessa forma, a condição fronteira estudada pelos autores decoloniais pode ser relacionada à não-pertença uma vez que, quando luta excessivamente para pertencer (extremo “mim”), mutila-se identitariamente para se encaixar e, quando o indivíduo se exclui porque a atividade coletiva é excluí-lo, incorporando-a (extremo “eu”), exila-se identitariamente do corpo social. Assim, a condição fronteira dos retornados é atravessada pelas duas faces da não-pertença – o extremo “eu” e o extremo “mim” – na narrativa escolhida como *corpus*, e isso pode – e será – relacionado à epígrafe escolhida para o romance por Dulce Maria Cardoso.

3 | O CORPUS: O RETORNO, DE DULCE MARIA CARDOSO, E SUA EPÍGRAFE, DE DULCE MARÍA LOYNAZ

O retorno (2013), de 2012, conta a ida da família de Rui, retornada, de Angola para Portugal. O narrador-protagonista, Rui, partilha conosco sua perspectiva adolescente da situação, contaminando-nos com sua imaturidade de inocência e com a mudança dessas duas características quando decide ser o “chefe de família” até a quase mítica chegada de seu pai.

Por sua vez, a epígrafe em questão “Las cosas que se mueren / no se deben tocar” (LOYNAZ *apud* CARDOSO, 2013, p. 269), é retirada do poema “Rosas”:

En mi jardín hay rosas:
Yo no te quiero dar las rosas
que mañana...
mañana no tendrás.

En mi jardín hay pájaros
con cantos de cristal:
No te los doy,
que tienen alas para volar ...

En mi jardín abejas
labran fino panal:
¡Dulzura de un minuto...
no te la quiero dar!

Para ti lo infinito o nada;
lo inmortal o esta muda tristeza

que no comprenderás ...
La tristeza sin nombre de no tener que dar
a quien lleva en la frente algo de eternidad ...

Deja, deja el jardín...
No toques el rosal:
las cosas que se mueren
no se deben tocar.¹

As quatro primeiras estrofes podem ser relacionadas às memórias de Rui de Angola cuja continuidade lhe é negada na mudança para Portugal no movimento dos retornados. Como exemplo, temos a primeira estrofe, que afirma que “eu não quero te dar rosas / que amanhã... / amanhã você não terá”, como se “as rosas” (as flores, que representam a beleza mais singular da terra) de Angola lhe fossem negadas, pois amanhã ele estará em Portugal e não mais em Luanda. O jardim também lhe é negado, o que pode ser uma alusão à sua casa em Luanda, cujo jardim era cuidado por Glória, sua mãe. E a estrofe final contém a epígrafe do romance, cuja tradução é uma frase dita pela mãe de Rui, segundo o narrador-protagonista: “Nunca nos deixava tocar nas rosas, as coisas que morrem não se devem tocar, a mãe sempre disse coisas esquisitas.” (CARDOSO, 2012, p. 150-151).

Além disso, pode ser interpretada como uma alusão ao fato de muitos retornados terem vergonha até hoje de dizer sua origem, pois, como observamos na fala de Cardoso em entrevista, ser retornado em Portugal ainda é um estigma:

Fui ver uma casa para comprar em 2009, pouco antes de escrever o livro, e a dona disse: “Sabe, isto está em muito mau estado porque estiveram cá retornados.” E eu disse “não, não sei”. O estigma estava ainda muito presente. Por exemplo a minha irmã, que sofreu muito mais do que eu, por ser mais

1 No meu jardim há rosas:
Eu não quero te dar as rosas
que amanhã...
amanhã você não terá.

No meu jardim há pássaros
com cantos de cristal:
Eu não dou para você,
quem tem asas para voar...

No meu jardim há abelhas
funcionam bem no favo de mel:
Doçura de um minuto...
Eu não quero te dar!

Para você o infinito ou nada;
o imortal ou esta triste tristeza
que não compreenderás...
A tristeza sem nome de não ter que dar
quem leva na testa alguma eternidade...

Saia, saia do jardim...
Não toque na roseira:
as coisas que morrem
não se devem tocar.
(tradução nossa).

velha, só quando publiquei o livro é que pessoas que trabalham com ela há mais de 30 anos souberam que é retornada: nunca disse. A primeira coisa que ouvimos aqui, e ela desatou a chorar, foi “vocês estão todas furadas pelos pretos”. (CARDOSO, 2016, p. 4).

Assim, a epígrafe pode ser relacionada ao silêncio sobre os retornados e sobre esse período da história portuguesa, bem como parece denunciar o estigma em torno de ser retornado, convidando o leitor a tocar sim no que está “morto” e a visitar esse trecho da história portuguesa por meio da leitura da narrativa de Cardoso.

4 | A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA E A NÃO-PERTENÇA EM *O RETORNO* E NA RELAÇÃO DESSE COM SUA EPÍGRAFE

No início de *O retorno*, cuja narração se inicia em 1975, Rui esclarece quem é o outro em Angola: “Eles são os pretos” (CARDOSO, 2013, p. 8). O narrador-protagonista, adolescente, denuncia o silêncio do almoço que antecede a ida a Portugal: “Antes de os tiros terem começado o futuro seria sempre melhor. Agora já não é assim e por isso já não temos assuntos para falar. Nem planos.” (CARDOSO, 2013, p. 9). Ele assemelha a doença da mãe ao caos da guerra pelo silêncio que circunda as duas situações. Não fica claro na narrativa qual a doença da mãe, Glória. Pelos que é dito, parece ser esquizofrenia ou algum outro transtorno psíquico.

Rui cita o colonialismo ao referir-se aos soldados portugueses em Angola, que não mais protegem a população portuguesa na terra africana: “Para o pai os soldados portugueses são uns traidores reles mas para o tio Zé são heróis antifascistas e anticolonialistas.” (CARDOSO, 2013, p. 12). O narrador-protagonista lamenta o fim do colonialismo em Angola, onde o outro é o negro, que está a reivindicar seus direitos. É o que se percebe quando afirma: “Nem os tiros conseguem desfazer o silêncio da nossa partida, amanhã já não estamos aqui. Ainda que gostemos de nos enganar dizendo que voltamos em breve, sabemos que nunca mais estaremos aqui. Angola acabou. A nossa Angola acabou.” (CARDOSO, 2013, p. 14).

Assim, na perspectiva de Rui, fronteira – sua Angola já não existe, mas Portugal lhe é uma terra estranha – temos também a não-pertença dessa família que ficou em Angola apesar de todos conhecidos já terem partido para Portugal, por teimosia do pai. Essa família, por meio do silêncio, tentou matar o que estava a ocorrer à sua volta no país em que vivem. Ignoram os tiros. A ausência dos conhecidos. Mutilam-se identitariamente para pertencer, como faz o extremo “mim” em nossa definição da não-pertença.

Ser negro, para Rui e sua família, é uma ofensa. Ainda no primeiro capítulo, Rui descreve os negros:

Os pretos. A não ser que se queira explicar o que são, aí é o preto, o preto é preguiçoso, gostam de estar ao sol como os lagartos, o preto é arrogante, se caminham de cabeça baixa é só para não olharem para nós, o preto é burro,

não entendem que se lhes diz, o preto é abusador, se lhes damos a mão querem logo o braço, o preto é ingrato, por muito que lhes façamos nunca estão contentes, podia-se estar horas a falar do preto mas os brancos não gostavam de perder tempo com isso, bastava dizer, é preto e já se sabe o que a casa gasta. (CARDOSO, 2013, p. 25).

Assim, percebe-se o racismo estrutural na Angola-colônia, ocupada por brancos da metrópole, isto é, de Portugal. Rui internalizou esse preconceito e o reproduz ao longo da sua narração, trazendo perspectivas negativas sobre os povos originários da África, sendo contra a descolonização da Angola e sentindo ódio do negro. Mas Rui – e sua família, amigos e conhecidos – não escapa da condição fronteiriça. Ele nasceu em Angola, mas é branco, filho de portugueses. Mário e Glória, seus pais, são portugueses. Rui está a perder sua casa, seu lar, sua terra, a única de conhece, e está a partir para a terra dos seus pais, que só conhece pelas revistas. A fronteira se instala na situação a partir do momento em que em Angola ele já não possui mais poder do colonizador, e em Portugal ser o outro, o retornado.

Mário acreditava na permanência do jardim e na vida das rosas, fazendo uma analogia entre a epígrafe (e seu texto-origem) e o romance. Isso porque ele demorou muito para providenciar a ida da família a Portugal, após a Revolução dos Cravos. Ele se iludiu sobre o que aconteceria em 1975 e prejudicou a si e a sua família com essa perspectiva errante. Quanto a essa crença, temos o seguinte trecho do romance:

Durante algum tempo o pai continuou a acreditar que 1975 ia ser o melhor ano das nossas vidas, vai correr tudo bem, vamos construir uma nação, pretos, mulatos, brancos, todos juntos vamos construir a nação mais rica do mundo, melhor até do que a América, isto é uma terra abençoada onde tudo que semeia nasce, não há no mundo outra terra assim. (CARDOSO, 2013, p. 32-33).

É importante ressaltar que, apesar do racismo de Mário, ele acreditou que o outro da Angola, o negro, ao se tornar sujeito de sua nação, construiria um país com seu colonizador de até então, os brancos de Portugal. Como se a agressão do opressor não fosse causar uma reação no oprimido. E é justamente o que acontece: no dia que a família viaja a Portugal, o faz às pressas com a ajuda do tio Zé, mas é sequestrado pelos “tropas” negros e sua família parte sem ele.

Sob outro viés, o da não-pertença, Mário se mutila identitariamente para pertencer, ignorando os fatores externos. Ignora a fronteira em que ele e os seus se encontram. Performa o extremo “mim”, sem a consciência de sua condição fronteiriça de ex-colonizador de um povo oprimido por séculos que está a tomar o poder em sua própria terra e, para tal, a quer livre do opressor, isto é, do branco. Mas a realidade bate à porta: “Mas os tiros e os morteiros não pararam, os pretos continuaram a vir de todo o lado e os brancos a irem-se embora, os tropas portuguesas já nem da bandeira queriam saber e os comunistas da metrópole vieram para cá.” (CARDOSO, 2013, p. 33). Essa é a realidade percebida por Rui,

que sabe da condição fronteiriça e da morte das rosas (aludindo à epígrafe).

O pai de Rui, dessa forma, coloca em risco a segurança de sua família ao se alienar da realidade exterior:

A cidade foi ficando mais vazia de dia para dia, se o pai pudesse amarrar os brancos para não se irem embora tinha-o feito, às vezes o pai exaltava-se, não se podem ir embora assim, ao menos deem luta, mas os brancos só queriam correr para o aeroporto e ir para a metrópole, tão covardes, o pai não sabia quem desprezar mais, se os pretos, uns assassinos ingratos, se os brancos, uns covardes traidores. (CARDOSO, 2013, p. 33).

Desse modo, apesar de enxergar o branco colonizador e o negro oprimido em suas esferas polares, Mário os enxerga como covardes e ingratos, respectivamente, quando temos um cenário em que os covardes nada mais são do que brancos conscientes de sua condição fronteiriça e preservando a própria pele, e em que os ingratos são os reativos à opressão de séculos de Portugal para com Angola, devido à colonização que estão a derrubar.

O jardim do texto-origem da epígrafe é metaforizado no romance: “(...) quem vai regar as rosas da mãe, a mãe nunca deixava morrer as rosas, se os dias vinham mais quentes as rosas das vizinhas ficavam tão murchas que até davam pena, nunca as da mãe, de nada a mãe se orgulha tanto como do jardim.” (CARDOSO, 2013, p. 37). Destarte, o jardim de Glória é metaforizado no que tange à descolonização de Angola e à condição fronteiriça da família. As rosas mortas após a ida para Portugal simbolizam o passado português, a história dos retornados, de que não se fala sobre devido ao estigma e à condição de outro do retornado em Portugal.

Além de racismo estrutural, Rui também denuncia em seu discurso a homofobia enraizada, quando fala sobre tio Zé, irmão da mãe Glória, que veio como soldado da metrópole para Angola, mas se aliou à causa dos negros e se relaciona com um deles. Temos também o machismo enraizado: “Até o preto que durante cinco anos nos engraxava os sapatos ao domingo de manhã avisou a minha irmã, cuidado menina que ainda te fazem o mesmo que os brancos fizeram às nossas mulheres.” (CARDOSO, 2013, p. 47). Assim, temos uma referência ao estupro vingativo, porque nas lutas de poder, nas guerras, a mulher permanece em sua condição de objeto.

Além da fronteira social, Rui se encontra na fronteira da adolescência, período entre a infância e a vida adulta, ou seja, de transição: “(...) eu nunca sabia o que queria ser, ainda não sei, acho que não quero ser nada apesar de a mãe dizer que tenho de ser engenheiro das barragens e de o pai dizer que tenho de ser médico ou advogado. (CARDOSO, 2013, p. 44).” Sobre a fase transicional de Rui, afirmamos em pesquisa prévia:

A não-pertença, em *O retorno*, é mais abrangente do que a geográfica, embora a relação entre Angola e Portugal na perspectiva da personagem reforce o desconforto de não pertencer, diminuindo a importância do local em que o jovem Rui estivesse (MACHADO, 2014, p. 38). Isso porque o “narrador-

protagonista em trânsito" (GOBBI, 2015, p. 147) está numa situação que não se restringe a espaços, mas que abrange também a relação do personagem consigo, uma vez que "a narrativa acompanha o reposicionamento existencial que significa a passagem da adolescência à 'vida adulta'". (GOBBI, 2015, p. 147). (BOZZO, 2020, p. 33).

Então, a perspectiva adolescente de Rui relaciona-se com a não-pertença por ele experienciada, bem como com a sua condição fronteiriça no conflito político entre Angola e Portugal. Rui afirma "(...) Angola já não é nossa, (...)” (CARDOSO, 2013, p. 53), em uma percepção sutil acerca da própria condição fronteiriça (e de sua família).

Como dissemos, em Angola, o negro era o outro, mas em Portugal, após a Revolução, o retornado é o outro. Isso fica claro com o comportamento da professora de matemática de Rui na metrópole, bem como com a interpretação dele do ocorrido: "A puta de matemática pôs os retornados na fila mais afastada das janelas, nos lugares com menos luz, deve pensar que somos como as rosas da mãe que murchavam se não lhes dava sol, deve ser isso." (CARDOSO, 2013, p. 141). É interessante notar o paralelo que Rui faz entre os retornados e as rosas de Glória em Angola: para ele, a professora pensa que eles precisam de luz para viver, como as rosas, e os afasta da luz, na tentativa de apagar-lhes a chama da vida.

Nesse paralelo, cabe salientar que na poesia de Loynaz, as rosas já estão mortas, isto é, os revolucionários já figuram o outro na metrópole, o jardim já foi abandonado. A percepção de Rui de que os retornados, na escola, são como as rosas, entrelaça ainda mais os sentidos entre romance e epígrafe, especialmente no que tange à condição fronteiriça dos retornados em Portugal, pois lá são privados de luz, segundo Rui, como as rosas, para que murchem. São mal vistos pelos revolucionários, os quais são odiados pelos retornados, ao menos por Rui e em sua perspectiva. Os retornados, para os revolucionários, exploravam o povo negro nas colônias portuguesas. Claro que, fora da perspectiva adolescente e imatura de Rui, é possível traçar uma verificação desse discurso e entender que sim, houve exploração, o que é inclusive claro no discurso do narrador-protagonista. Mas nosso foco, aqui, é demonstrar a condição fronteiriça do retornado em Portugal, tão rejeitado que lhe é vedada a luz na sala de aula, a energia vital das rosas. Segundo Rui, ao fazer a comparação com as flores, ele afirma que a professora quer que os retornados "murchem". E é assim que eles são recebidos na metrópole: colocados em quartos super lotados em hotéis que, apesar de serem de luxo, os tratam mal. Em Angola, os colonizadores, os brancos, eram o centro. Após o retorno, em Portugal, eles são a fronteira: "Apesar de haver quase todos os dias macas entre nós também é verdade que nos preocupamos uns com os outros, temos de nos manter unidos, os de cá ainda gostam menos de nós do que os pretos de lá." (CARDOSO, 2013, p. 219). No trecho, é possível identificar que Rui reconhece a condição fronteiriça dos retornados e o ódio daqueles que não o são por eles.

É importante ressaltar que Rui passa um período narrando como se o pai fosse para Portugal encontrá-los a qualquer momento no hotel Estoril, onde estão alojados. Posteriormente, por já ter passado um tempo desde o retorno, Rui passa a duvidar do retorno do pai, apesar de continuar defendendo o episódio futuro à mãe. Seu discurso é permeado pela sensação, primeiramente, de certeza da volta do pai, e depois, da dúvida: “(...) vamos embora logo que o pai chegue. Vamos embora logo que o pai chegue. O pai vai chegar. Não posso ter medo que o pai nunca chegue.” (CARDOSO, 2013, p. 143). Assim, Rui constrói para si verdades as quais é capaz de suportar sobre a mítica chegada do pai.

Outro aspecto que torna a família ainda mais pertencente ao espectro do outro é a doença de Glória, mãe de Rui: “Às vezes, quando estamos à mesa no restaurante, a mãe fala como se o pai estivesse à sua frente, acho que até as pessoas das mesas ao lado dão conta.” (CARDOSO, 2013, p. 144). A condição da mãe, não esclarecida no romance, parece ser algo como esquizofrenia ou algum transtorno psíquico do tipo, apesar de Rui e sua família acreditar que há demônios que entram no corpo da mãe. Já em Angola, as vizinhas caçoavam da mãe de Rui por sua condição, por estar sempre a esquecer tudo, pela sua confusão e pelas crises. Ou seja, já em Angola, onde a família de Rui não era o outro na sociedade, não estava em condição fronteiriça, era posta nessa condição e na condição de não-pertença pelo comportamento diferenciado da mãe de Rui. Em Portugal, marcados pela outridade e pela fronteira, a doença de Glória é mais um marcador social que, dentro do espectro social dos retornados, torna a família marcada, novamente, pela outridade, pela condição fronteiriça, pela não-pertença. Isso se dá porque Rui suspeita o tempo todo de quando a mãe terá uma crise, de quando perceberão de vez que não é neurotípica. Quando isso acontece, Rui narra a crise da mãe na fila do jantar do hotel entremeando o discurso às idas aos curandeiros e médicos em Angola, persistindo na visão preconceituosa de que a mãe recebe demônios no corpo.

Ainda, interessa-nos o trecho em que Rui deixa claro que Glória, sua mãe, repetia a frase da epígrafe do romance:

Será que a nossa pitangueira continua a dar pitangas, a mãe diz que tem a certeza que as roseiras morreram de tristeza, que perderam as pétalas uma a uma até ficarem com o coração à mostra. Nunca nos deixava tocar nas rosas, as coisas que morrem não se devem tocar, a mãe sempre disse coisas estranhas. (CARDOSO, 2013, p. 150-151).

Nessa relação romance-epígrafe, podemos relacionar que a os retornados – ao menos os da família de Rui – morreram, metaforicamente, de tristeza, e que perderam as pétalas, partes suas, até ficarem nus metaforicamente. Isso ocorre com Rui, que vai perdendo as pétalas da esperança da chegada do pai, além de adquirir comportamento revoltado e agressivo. E acontece com Glória, que vai perdendo a sanidade mental na situação vulnerável em que se encontra, sozinha, com dois filhos adolescentes em um país que deixou quando não era muito mais velha que eles. Por fim, o processo se dá também

com Milucha (Maria de Lurdes), irmã de Rui, que foi perdendo a mania de implicar com o irmão e a alegria que tinha quando vivia em Angola, na perspectiva de Rui:

(...) a minha irmã tão triste que já nem discute comigo nem me chama de estúpido. Quando nos formos embora daqui minha irmã vai voltar a ser como era, vai zangar-se comigo outra vez por tudo e por nada, seu estúpido, aleijaste-me, seu estúpido, estragaste-me o livro. Quando tivermos no Brasil a minha irmã vai gostar outra vez de esticar os caracóis e de se pôr bonita para ir às festas, de ler fotonovelas, no Brasil não há frio e há frutas como as de lá, a minha irmã pode comer as pitangas que quiser. (CARDOSO, 2013, p. 150).

Assim, percebemos a construção da tristeza e apatia de Milucha na situação em que se encontra, e na vontade de Rui de remediar isso, contando com a chegada do pai que os levará, em sua concepção, para outro lugar que não Portugal.

Rui acreditava que o pai precisava chegar até o dia oficial da descolonização da Angola, 11 de novembro de 1975, que seria a data em que a ponte aérea para os retornados seria fechada. Quando esse dia chegou e Mário ainda não tinha chego, Rui perdeu sua última pétala de esperança e afirma: “O pai morreu.” (CARDOSO, 2013, p. 153). O narrador-protagonista afirma, ainda:

Não consigo viver à espera que o pai chegue. Ninguém consegue viver sempre à espera de uma coisa assim. Sejas tu quem fores, tens de existir para que eu não espere mais. Sejas tu quem fores, existes e eu não espero mais. Sejas tu quem fores, escolheste matar-me o pai.

O pai morreu. (CARDOSO, 2013, p. 154).

Quando Rui diz “sejas tu quem fores”, é uma recorrência de uma espécie de conversa com um ente divino, aquilo que chamamos de Deus no ocidente. A partir desse dia, Rui passa a assumir o papel de único homem da família e a ter certeza de que é seu papel cuidar da mãe e da irmã: “Mas o pai não está connosco nem nunca mais estará, agora sou eu o chefe de família e tenho de levar a mãe e a minha irmã para a América.” (CARDOSO, 2013, p. 197). Nesse sentido, Rui assume esse papel e planeja tirar a família da situação em que se encontra.

Rui comenta sua não-pertença ao Estoril:

(...) a minha mãe e a minha irmã têm razão, este quarto com esta varanda de onde se vê o mar não é uma casa. Muito menos a nossa casa. Se fosse a nossa casa devia ser bom fumar aqui um cigarro. Seria só fumar o cigarro como quando fumava no muro da tabacaria do Sr. Manuel. Mas assim é diferente, assim é fumar um cigarro num sítio a que não pertencço e a que nunca pertencerei. (CARDOSO, 2013, p. 172).

Assim, a não-pertença, a priori geográfica, de Rui, refere-se não só ao hotel Estoril, mas à Portugal e também a Angola, que como a conheceu já não existe. Rui não pertence geograficamente, mas isso se estende à sua idade transitória, a adolescência, o que dá margem para extensão, também à psique do narrador-protagonista. Rui é o extremo “eu”, que se exclui por sentir-se excluído, a prova disso é não se misturar com os não retornados

na escola, excetuando Teresa Bartolomeu, sua paquera. Já Milucha é o extremo “mim” – mutila-se identitariamente para pertencer – e um exemplo disso é negar a condição de retornada ao ponto de ficar com fome na escola para não usar o cartão dos retornados que lhe dá direito a um lanche.

Finalmente, no décimo sétimo capítulo, Mário chega ao Estoril para encontrar a família: “Ninguém volta da morte mas o pai está à porta do osso quarto.” (CARDOSO, 2013, p. 220). É perceptível o choque de Rui, por ter considerado o pai morto para poder seguir em frente e assumir o exaustivo posto de chefe de família. O narrador-protagonista sente-se livre do posto com a chegada do pai: “Estou tão contente que pego no Sandro ao colo, o pai está aqui e eu já não sou o chefe de família.” (CARDOSO, 2013, p. 220). Nesse momento, percebemos o alívio de Rui ao perder o posto para o pai, pois agora pode voltar a ser adolescente, filho, irmão.

No total, a família de Rui passou mais de um ano no hotel Estoril. E vão-se embora para a casa nova aproximadamente em novembro de 1976. Mário junta-se com cinco sócios para abrir uma fábrica de blocos de cimento com um empréstimo do IARN.

Rui revela, também, as inúmeras cicatrizes no tronco nu do pai, para as quais o narrador-protagonista não consegue olhar. As cicatrizes são as marcas que o Império Português deixou nos retornados, mas que ainda não se comparam aos séculos de racismo estrutural para com os povos originários dos territórios antes coloniais. Essas marcas pelo corpo de Mário, as marcas da tortura feita pelos negros, são consequência da resposta do oprimido àquele que ele acreditava ser o opressor, o branco que ocupava suas terras e matava seus povos (os negros de Angola acreditavam que Mário era assassino de negros). As cicatrizes são as rosas mortas no jardim de Glória, que não se devem tocar. Porque simbolizam a história dos retornados, silenciada por anos, e contada ficcionalmente por Dulce Maria Cardoso, que a vivenciou, no romance que constitui o *corpus* desse estudo. E esse romance termina com a frase, dita duas vezes, “Eu estive aqui.” (CARDOSO, 2013, p. 267), marcando o sentimento do narrador-protagonista frente à fase mais fronteiriça de sua existência recente de retornado: a estadia no hotel Estoril.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os tópicos estudados pelos estudos decoloniais, destacamos a condição frinteira como tema de nosso estudo. Tal condição consiste naquela vivenciada pelos sujeitos que estão nem lá, nem cá: geograficamente e/ou existencialmente. O conceito serviu bem para a averiguação do *corpus* proposto: o romance *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, e sua epígrafe (e texto-origem dessa), de Dulce María Loynaz.

Foi possível concluir que o romance e sua epígrafe, bem como a relação romance-epígrafe, são permeados pela condição fronteiriça e pela não-pertença, tema secundário que selecionamos em pesquisas prévias sobre a produção literária de Cardoso. Identificamos,

no narrador-protagonista, a postura do extremo “eu” no que tange à não-pertença, bem como seu comportamento e consciência de sujeito que está na fronteira. Isso se estendeu ao seu núcleo familiar e aos retornados retratados no romance, que ficcionaliza um evento real, ou seja, a Revolução dos Cravos e a dissolução do Império Português, principalmente no que diz respeito à descolonização da Angola.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSFOGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2016.

BOZZO, G. C. B. Não-pertença: uma definição psicossocial. In: MATOS, T. N. F. de. **Psicologia: compreensão teórica e intervenção prática 3**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020.

_____. **O que é a não-pertença e como se dá a sua construção em *Os meus sentimentos*, de Dulce Maria Cardoso**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020.

CARDOSO, D. M. Entrevista a Gustavo Bom. Dulce Maria Cardoso: O que me fez pensar no que estamos aqui a fazer foi o olhar de um cão. **Diário de Notícias**. 17 ago 2016. Disponível em: <http://www.dn.pt/portugal/entrevista/interior/dulce-maria-cardoso-o-que-me-fez-pensar-no-que-andamos-aqui-a-fazer-foi-o-olhar-de-um-cao-5342457.html>. Acesso em: 20 ago 2016.

_____. **O retorno**. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2013.

LOYNAZ, D. M. Rosas. E, ainda uma vez, Dulce Maria Loynaz. **Viva a poesia**. 8 jun 2018. Disponível em: <https://serpoeta.blogspot.com/2018/06/e-ainda-uma-vez-dulce-maria-loynaz.html>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

OS VESTÍGIOS NO TEXTO DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Data de submissão: 28/03/2023

Data de aceite: 02/05/2023

Winnie Wouters

Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT, Faculdade de Ciências
Biológicas e Agrárias (Alta Floresta – Mato
Grosso)
<http://lattes.cnpq.br/6092676169890474>

RESUMO: A escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931-2008) criou uma obra cujos limites transgrediram a já conhecida estrutura da narrativa e poesia. Contudo, isso não significa seu texto esteja desvinculado de uma tradição, tal qual a paideuma visível que se nota por entre as várias relações intertextuais que propõe. Dessa forma, o presente artigo busca apresentar os “vestígios” de outras escrituras que o título *Ardente texto Joshua* (1998) carrega em si, além de demonstrar como essas inserções colaboram para determinar a constituição das “figuras”, seres textuais dessa escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Gabriela Llansol; *Ardente texto Joshua*; Intertextualidade.

THE VESTIGES IN MARIA GABRIELA LLANSOL'S TEXT

ABSTRACT: Portuguese writer Maria Gabriela Llansol (1931-2008) created a body of work whose limits transgressed the already known structure of narrative and poetry. However, this does not mean that her text is unbound from a tradition, such as the visible paideuma that is noted among the large intertextual relations she proposes. Thus, this article seeks to present the “traces” of other scriptures whose *Ardente texto Joshua* (1998) carries within it, as well as to demonstrate how these insertions collaborate to determine the constitution of the “figures”, textual beings of this writing.

KEYWORDS: Maria Gabriela Llansol; *Ardente texto Joshua*; Intertextuality.

1 | INTRODUÇÃO¹

Todo texto se estabelece a partir do diálogo. Seja com seu suposto leitor, seja com outros textos, a construção do sentido a partir da leitura se constrói conforme essas conexões são estabelecidas. Por

¹ Esse trabalho é um desdobramento da tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP, campus São José do Rio Preto.

consequente, ao tratarmos do texto literário, a intertextualidade que se revela por meio desses diálogos torna-se, por vezes, elemento base sob o qual a escrita se faz, exigindo do leitor uma verdadeira caçada às obras direta ou indiretamente indicadas.

A partir desse viés, o presente artigo debruça-se sobre o “texto” de Maria Gabriela Llansol (1938-2008), escritora portuguesa contemporânea cuja obra permanece intrigando seus leitores. Exemplo disso é a própria denominação de sua escrita enquanto “texto”: um espaço pelo qual as “figuras”², seres dessa escrita, perambulam na direção do encontro com o melhor de si mesmas.

Como se pode observar por essa breve apresentação, os escritos de Llansol não se assentam nas categorias tradicionais da análise literária. A própria autora foi responsável por desdobrar tais especificidades nos vários escritos que deixou publicados, nas inúmeras páginas avulsas reunidas e organizadas hoje pelo Espaço Llansol³ e ainda nas entrevistas e encontros dos quais participou.

Apesar desse pormenor, são muitos os autores, obras e eventos com os quais o texto llansoliano estabelece diálogo. Esse aspecto pode ser percebido já em títulos como *Lisboaleipzig 1 “O encontro inesperado do diverso”* (1994), que traz pela aglutinação dos nomes da cidade portuguesa de Lisboa e da alemã Leipzig o encontro ficcional entre Fernando Pessoa e Johann Sebastian Bach. Mas também se revela em *Ardente texto Joshua* (1998), pela alusão ao texto bíblico indicada pelo nome⁴ Joshua.

É sobre este último título que este artigo pretende se debruçar. A partir da relação intertextual estabelecida pelo que Llansol intitula como vestígios, este estudo pretende demonstrar que tal rastro trazido pelas figuras e abandonados por elas de forma esparsa no decurso do texto pode revelar que os seres textuais ali têm a ciência de que a opção que fizeram pela escrita foi apenas uma entre outras possíveis, como também que foi justamente o caminho que se solidificou em texto, e não qualquer outro, que possibilitou às figuras seguirem em busca de sua própria verdade.

2 | O ENCONTRO DE TEXTOS

E eu sinto também como a nossa vida é curta, e que o melhor que podemos fazer, para sermos pragmáticos, é deixar o maior número possível de vestígios certos. Deixemos vestígios. Não há outro modo de fazer. Depois, há a invisibilidade que opera. Há outros mundos da invisibilidade, mas ao nível do mundo humano são os vestígios. É o que fizeram aqueles grandes autores de que falámos (LLANSOL apud BARRENTO, 2009, p. 144).

2 A partir de agora, os termos condizentes à obra de Maria Gabriela Llansol não mais receberão aspas para que a leitura se torne mais fluida.

3 Atualmente, o Espaço Llansol está sob a responsabilidade dos pesquisadores João Barrento e Maria Etelvina Santos, que fizeram a hercúlea tarefa de organizar, catalogar e transcrever grande parte das mais de 10.000 páginas legadas pela autora. Para além das edições dos Livros de hora, esse material encontra-se disponível para observação na cede do Espaço presente hoje na cidade de Lisboa, Portugal.

4 Joshua é a versão em hebraico para a palavra Jesus.

Os vestígios, enquanto parte de uma herança trazida de outros espaços, são pequenas evidências pelas quais um acervo variado de mundos estéticos⁵ encontra meios de permanecer para além de si, resistindo à frágil existência das coisas. Llansol considera os vestígios como registro de que existe algo para fora dos limites que os olhos alcançam pelo texto, e que, ainda assim, se fazem ver por ele.

Outro aspecto relevante sobre o vestígio foi abordado por Santos em *A figura: consistência e devir* (2010): “Os seres do seu texto são seres de vestígio, transportam um legado que reflecte o que de melhor existiu e tem energia para continuar” (SANTOS, 2010, p. 113). Aqui, os vestígios, diretamente vinculados às figuras, são descritos como legado cuja importância permanece no texto, apesar de não se constituírem como parte visível nele.

A demonstrar as afirmações aqui realizadas, apresentar-se-á exemplos desses vestígios pelo texto analisando suas possíveis origens: manifestações literárias de escritores variados e o que seria uma experiência vivida no âmbito mesmo da escrita llansoliana. Para tanto, foi selecionada a obra: *Ardente texto Joshua* (1998). Nela será percorrido o rastro de dois estágios diferentes da figura de Teresa – a que se apresenta antes e a que se mostra depois do que seria sua morte nesse texto⁶. Estas, apesar de seguirem direções opostas, conseguem ver convergir seus caminhos conforme se dá a transformação do olhar.

3 | ANÁLISES

Ardente texto Joshua é o livro que nos apresenta uma jornada de *amor e conhecimento: amor* de um leitor – Teresa – por um texto – texto Joshua–, e *conhecimento* a respeito das implicações que viver essa forma de amor tem para quem a vive na condição de figura. Isso porque, quando os seres de uma relação amorosa de leitura são figuras, ou seja, criaturas constituídas de matérias diversas, mas cuja natureza reside em um mesmo ponto – a imagem –, iluminam-se diferentes perspectivas do que seja o amor e sua realização.

A princípio, é Teresa que encontramos inebriada pela descoberta do amor: ela bebe as palavras de seu companheiro apaixonadamente, enquanto este, objeto de fascínio, aos poucos se entrega. Assim como todo texto se constrói na sobreposição de diferentes

5 Sobre esse conceito, Santos diz: “Idêntica parece ser a proposta de Maria Gabriela Llansol ao dizer que os seus textos se dirigem ao real de um modo estético: não a estética enquanto teoria da arte, mas como um modo de pensamento (afetuante), o que, aliás, nos faz pensar no uso não muito antigo do vocábulo ‘estético’ como referido à teoria da arte, pois só a partir dos românticos alemães, assim passou a ser considerado; ainda no século XVIII, Baumgarten designava a estética como o domínio do conhecimento sensível, um conhecimento ‘claro’ mas ainda ‘confuso’, que se opõe ao conhecimento ‘claro’ e ‘distinto’ da lógica; e em Kant reconhece-se apenas o adjectivo ‘estético’ como designação de um determinado tipo de juízo [...]. Esse modo alargado de ser estético — a estética como um dos modos do pensamento — que o texto llansoliano mantém em ligação com a aisthesis como contemplação, e com uma praxis quotidiana, permite que o texto reúna em si uma dimensão ‘contemplativa’ e uma dimensão ‘activa’, com elas conviva e se equilibre” (SANTOS, 2008, p.232).

6 Maria Gabriela Llansol afirma “Sentia-me infantil em dar vida às personagens da ‘escrita realista’ porque isso significava que lhes devia igualmente dar a morte” (LLANSOL, 2011b, p. 121). Assim, a autora considera que os seres dentro de sua escrita não morrem, mas se transformam a partir da mudança do olhar.

vozes, a leitura, sendo a atividade que dá vida ao texto, não se mostrará alheia a tais presenças. Por isso, ao acompanharmos a relação de amor/leitura de Teresa com o texto Joshua, vemos surgir outros seres figurais, como a escrevente – figura responsável pela consciência da construção dessa escrita –, o caderno e o lápis, entre os quais se verão crescer laços profundos, expandindo a teia que prende Teresa e seu companheiro.

Tendo em vista a potência que guarda as relações que se desdobram do encontro amoroso, o alvo de interesse desse texto é menos o encontro de Teresa com o ardente texto do que o que esse encontro projeta, o que se vivifica da intensa experiência de leitura, amor e descoberta, como nos antecipa a quarta capa: “Subjacente ao *Deus sive natura* que o move, o texto afirma que há um *Amor sive legens*⁷ para o entender. O percurso como súmulas da potência de agir” (LLANSOL, 1998, Quarta capa).

Toda a riqueza que essa experiência possui não é, no entanto, esperada por Teresa, que se junta ao ardente texto e às demais figuras sem ter plena consciência de sua existência figural, sem perceber que tanto ela como os demais que encontra são parte de um traço que vem sendo elaborado há muito através de lugares diversos até surgir na beira do rio, entre o Douro e Lisieux⁸. Ela ainda não sabe que agora se encontra no texto, pois o que impera sobre si são os vestígios que traz de outros lugares: “Teresa está ali sentada, **regressou de Lisieux** através do Douro” (LLANSOL, 1998, p. 11, **grifo nosso**).

Não é apenas ao leitor que esses pequenos indícios vão apontando que Teresa é nova naquele espaço. A escrevente também infere isso quando descobre o rastro deixado por aquela: a corda que Teresa usara para chegar até o texto (fio que aponta a uma ligação umbilical⁹ com um outro meio): “Não tenho certeza que seja mulher, é uma figura que desce do ser o ser-instinto e que, abandonando a corda que desceu,/ se aproxima do barco atracado no rio” (LLANSOL, 1998, p. 9).

Essas marcas deixada por outros espaços, indícios que se avultam especialmente no início de *Ardente texto Joshua*, apontam para a pessoa de Teresa de Lisieux¹⁰ (“E morreu, Teresa Martin, beguina, filha de Hadewijch de Antuérpia, doutora da igreja” [LLANSOL, 1998, p. 8]), que no contexto religioso também foi chamada de Santa Teresinha do Menino Jesus, uma carmelita cuja vida, ainda que curta, fez-se de intensa experiência religiosa. E também para os escritos deixados por ela (“Ó minha Mãe, só quem viajou por esse

7 Llansol se apropria da frase de Espinosa “*Deus sive natura*”, na qual o filósofo equipara Deus e natureza, e a recria em a seu “texto” na forma “*Amor sive legents*”, aproximando o ato de leitura ao de amar. Esse vínculo pode ser observado tanto na relação de “Teresa” com o texto bíblico – que no livro de Llansol ganha status de figura (ardente texto), atuando como ser por quem Teresa se enamora –, quanto com o espaço deixado ao leitor na obra llansoliana, posto que aqui o leitor também está presente enquanto figura, sendo sua interação com a palavra parte responsável pelo desdobramento dessa escrita.

8 Ainda que saibamos que geograficamente não há essa conexão, Llansol lança mão da geografia no espaço textual a fim de aproximar figuras. Esse procedimento ocorre de modo exemplar em Lisboa1epdzig1 e 2 (1994).

9 A relação umbilical referida acima relaciona-se com o comentário feito por Barrento, em *O que é uma figura?*, a respeito da origem dos seres figurais pelo texto, quando o crítico comenta a respeito da origem como decisão vivificada no olhar (2009, p.126).

10 Cidade francesa onde nasceu Thérèse Martin (1873-1897).

túnel poderá compreender a sua obscuridade¹¹ [LLANSOL, 1998, p. 16]), pois a carmelita legou vários cadernos nos quais descreve as belezas e dificuldades da vida no claustro, celebrando a relação apaixonada e intensa com o sagrado.

Desse modo, é em função da soma dos vestígios aos comentários acerca deles feitos pela escrevente que se perceberá como o comportamento de Teresa é distinto, comparativamente, ao dos demais seres nesse espaço – resposta ao modo específico como ela olha o real que encontra, tal como se identifica na passagem a seguir:

[...]pressinto que as mutações do mundo furibundo repousarão mais serenas num banho de prata

Natureza, Gabriela!

sim, então que seja, respondo sem discutir. Que essa natureza seja a dos quadros ou a dos vapores de iodo e de mercúrio ou (porque¹² não?) a só pensamento sementado em livros, ou a de uma placa de cobre cuidadosamente polida

Do corpo, Gabriela!

Seja, então, o corpo, mas de um corpo que, sem causa, se lance e se projecte sem nó pela encosta fora de mim e do piano deste muro que retém os sons.

É, neste diálogo incómodo em que digo e um ser-instinto me corrige, que uma motivação,
uma janela aberta,
uma varanda surge no alto da encosta, no seu horizonte quadrilhado de vidros (LLANSOL, 1998, p. 10).

A escrevente, também chamada em *Ardente texto Joshua* de Gabriela, em um fluxo intenso de dizeres, é constantemente corrigida por Teresa, que pouco fala. Todavia, quando esta se manifesta, visa corrigir sua companheira, como se existisse um certo e um errado que a outra desconhece. Apesar de todas as interferências de Teresa, a escrevente deixa claro que está ciente do que diz e das opções que sua companheira indica como sendo corretas. A diferença que se interpõe e que faz com que Gabriela não corrija Teresa é que aquela tem consciência de que entre ela e a jovem companheira existe um modo diferente de olhar para uma mesma imagem.

Quanto à relação estabelecida a partir do olhar no texto llansoliano, sabe-se que ele é o principal meio de interações entre os seres do texto. É por meio dele que surgem as imagens, se manifestam as afecções e que acontece a troca de afectos, como também é ele o mecanismo mediador pelo qual a sobreimpressão, marca desse texto, comparece. Segundo Santos, além de todos esses aspectos, o modo de olhar também é decisivo para a figura por que é por meio dele que transparece o princípio de verdade pelo qual cada

11 Esse trecho é uma tradução de *Llansol de parte do "Manuscrito C" de História* de uma alma (1986), no qual se lê "É preciso ter andado por esse túnel escuro para compreender a escuridão", na versão editora Paulus (2013).

12 As regras gramaticais referentes ao emprego do "porque" são distintas entre Brasil e Portugal.

um desses seres se guia, como se lê neste excerto: “[O texto llansoliano] Interroga-se, permanentemente, sobre o modo de olhar, e apercebe-se de como esse modo pode decidir o real, a verdade dele e a sua cosmogonia” (SANTOS, 2008, p. 75).

Por conseguinte, ao observar Teresa distinguindo entre um certo e um errado ao ouvir a fala da escrevente, entendemos que sua forma de olhar a paisagem reconhece uma verdade diferente daquela que supõe sua companheira, e, por Teresa ter recentemente chegado a esse espaço, desconhecendo sua dinâmica, não percebe que a sua verdade é apenas uma entre várias verdades possíveis. Em contrapartida, a escrevente sabe que a sua verdade não interfere nas portas que as demais figuras vão abrir para si de acordo com o que veem pelo texto, como também que é por essa disposição ética que a estética ali pode se desdobrar em diferentes mundos.

Destarte, faz-se necessário assinalar que a interrelação forjada entre verdade e mundo estético não se vincula a qualquer valor moral, isto é, entre as formas de verdade reconhecidas pelo olhar de cada figura não existe uma que se levante como modelo a partir da qual todas as demais se adequam ou se anulam, comprometendo, por extensão, o mundo estético atrelado a tais verdades. Essa capacidade, que torna possível que os mundos estéticos existam em simultaneidade, favorece que, independentemente de ser cão ou pessoa, a figura tenha a chance de caminhar em direção à sua verdade, rumo ao melhor de si.

Podemos dizer, portanto, que o comportamento da escrevente quando encontra Teresa e sua diferente verdade dá-se de modo não combativo em virtude da compreensão que aquela tem do espaço textual e de sua ética, a possibilitar o desenvolvimento de diversos mundos estéticos. Ao ser colocada em perspectiva com a atitude de Teresa, a postura da escrevente ilumina a resposta ao que foi um dos anseios às inquietações trazidas por Llansol em “Para que o romance não morra”: “Porque, hoje, o problema não é fundar a liberdade, mas alargar o seu âmbito, levá-la até ao vivo, /fazer de nós vivos no meio do vivo” (LLANSOL, 1994, p. 120, grifo da autora).

Ao se deparar com o texto enquanto espaço possível e com a figura enquanto um ser que se abre ao princípio do vivo, Llansol tece uma escrita em que não é preciso rivalizar com a ordem castrativa de outros meios para dispor diferentes princípios de belo. Maia, em livro sobre a “textualidade” na escrita de Maria Gabriela Llansol, intitulado *Textualidade Llansol*, comenta que é exatamente o encontro da “liberdade de consciência” com o “dom poético” que favorece a que isso aconteça: “Quanto ao mundo, ver-se-á, a *textualidade* nem o desafia, nem o confronta, nem a ele se acomoda. Antes desvela mundos no mundo — apreende e cria um universo em expansão, escreve sua estética” (MAIA, 2012, p. 71).

Quando o texto nos possibilita acompanhar o surgimento de uma nova figura, como é o caso de Teresa, mostra-nos, de forma quase didática, como o encontro com o “*mundo*” não se dá por meio do confronto, mas sim pelo acolhimento. Por esse motivo, o exercício de Gabriela junto das demais figuras nesse texto será mostrar à Teresa tal forma

de acolhimento, ensiná-la que sua forma de olhar é apenas uma, e, principalmente, que quando se está aberto às demais formas o caminho pode-se tornar ainda mais pujante. Observemos um exemplo no qual a escrevente antecipa parte da sequência dos caminhos à Teresa, mostrando aquilo que ela ainda não vê:

e dissera-me dias antes “vou desertar, nunca farei esta guerra nem, aliás, qualquer outra”. — Para onde contas ir? — perguntei-lhe.— Vou ver mundo

e eu esperei-o na Rua Sá da Bandeira,
imóvel na minha imagem e no meu nome para que ele fluísse.

Mas é apenas um homem — disseste.
Sim, é apenas um homem.

Verás, Teresa, que só há apenas homens e mulheres, envoltos em imensos textos invisíveis. Eu vejo-o como texto. Tu o vês como lustram. Eu fui com um homem a caminho desses invisíveis. Tu foste com um invisível à procura dos muitos homens. Eu sei.

Não é a mesma coisa

mas se não pensares em coisa é a mesma coisa

Repito que não é a mesma coisa. Eu sei. Tudo depende por onde se começa a desnudar a narrativa. Há e sempre,
e que mais há? (LLANSOL, 1998, p. 45).

A escrevente” conta à Teresa” o que um dia lhe apareceu como decisão: escolher ir ver o mundo na companhia de um homem. A resposta de Teresa” claramente frustra a escrevente”, dado que aquela manifesta certa falta de entusiasmo, como se verifica pelo “mas” presente no comentário da jovem figura”, indicando que não há novidade alguma na escolha de uma mulher que opta por seguir tal caminho.

O desconforto maior da escrevente, contudo, não se faz em razão da indiferença propriamente dita, mas sim do motivo que despertou tal sentimento: a escrevente percebe que Teresa, ao ouvir seu relato, apenas viu a superfície rasa das imagens homem e mulher e o movimento que os guiaria firmado em um desejo, uma vontade baseada somente na realização pessoal. Teresa não nota como a escolha de Gabriela significa a disposição mútua dos afectos do homem e da mulher, criando uma abertura a um devir outro, constatada por meio do fluir.

Fluir na imagem e no nome está muito além de qualquer desdobramento da atração sexual, principalmente porque esse fluir não se dá sobre a pessoa ou o corpo, mas pela imagem e pelo nome. Sendo esses dois elementos pertencentes à dimensão textual (não esqueçamos que o termo “nome” liga-se à esfera da palavra, na medida em que nomear é atribuir uma palavra a algo), o ponto de que parte o fluir do homem no momento do encontro situa-se propriamente no texto. Distinguir a abertura à qual esse devir se volta nos permite supor que a decisão de seguir junto daquele que se recusou a fazer a guerra foi uma decisão que, no texto, iluminou um caminho outro pela escrita.

Ao encontro da reação das duas figuras, pode-se compreender como a percepção

da cena, o olhar que se põe sobre a imagem, projeta a sequência possível dos caminhos a serem abertos pelo texto antes mesmo que qualquer passo seja dado. Observa-se esse processo a partir do exercício reflexivo de Gabriela: enquanto, disposta àquela imagem, o olhar da escrevente encontra o texto, o de Teresa identifica apenas homens e mulheres; ao passo que Gabriela aceita o convite de um homem indo em direção ao invisível, Teresa parte do invisível à procura de muitos homens.

Assim, de acordo com o paralelo traçado pela escrevente, o que aprofunda a desigualdade do olhar de cada uma delas é o peso que possuem, sobre Teresa, os vestígios que traz de outros textos. Diferentemente dos demais seres textuais que também possuem marcas evidentes de outros espaços, até a cena transcrita Teresa age guiando-se por esse rastro. É necessário salientar, no entanto, que, como afirma Barrento (2011), “toda memória ali se restringe a uma essência residual” (BARRENTO apud BARRENTO, 2011, p. 86), e por essa razão o que se faz presente em Teresa, mais que qualquer imagem, é a reafirmação da ordem sob a qual os vestígios se fizeram. E na medida em que tal ordem irrompe pelo olhar, sua atuação não se resume às relações apreendidas entre os seres pelo espaço, mas se estende a tudo que envolve esse olhar, inclusive à linguagem.

Recordemos, que tanto Teresa de Lisieux como sua obra estão imersas no contexto religioso. Destarte, se considerarmos que Teresa ainda se guia por esse eixo, seu olhar deve distinguir a ordem que se eleva nessa esfera, ordem que, de acordo com Deleuze e Guattari (2000), concebe a existência de dois planos, o plano da imanência e o plano da transcendência em que a vida dos homens, residindo no primeiro, só encontra seu sentido na esfera divina, presente no segundo. A religião, quando investiga o significado por trás dos acontecimentos, assume a necessidade de intermediários para explicá-los, dado que o homem comum não é capaz de ascender ao plano transcendente para compreender o que lhe acontece. Após essa pequena digressão, voltemos ao jogo¹³ proposto com a palavra invisível – de que Teresa parte e para a qual Llansol se dirige – a fim de sobre ele refletirmos a partir da ordem que age sobre o olhar de Teresa.

No caso de Teresa, quando Gabriela afirma que aquela vai com um invisível à procura dos muitos homens, acredita-se que ela esteja a dizendo que a jovem figura caminha junto a essa esfera divina e inacessível, crente de sua existência, mas na espera de alguém capaz de a conectar a tal plano. Procurar quem seja apta a de realizar essa forma de intermediação é parte do que guia Teresa, e o texto nos indica quem são esses muitos homens que espera encontrar: *sanctus*: o que se acha investido de *hierós* e, por esse facto, se torna intermediário entre os deuses e os homens; aquele que transpõe o *murus sacrus*, sem que o seu gesto o diminua ou desfigure (LLANSOL, 1998, p. 32).

13 Na entrevista “Um texto que é um rio...”, presente hoje no livro Entrevistas, Llansol diz: “Eu considero jogo a actividade determinante do conhecimento, porque é através desse prazer, que ao mesmo tempo é um prazer calculado, porque é imóvel, porque os lugares se mudam, que o conhecimento se pode fundamentar. Eu acho que, como está escrito, se trata efetivamente de jogo. É a procura de palavras não é no sentido de que se procura uma palavra ali, outra acolá, outra ali. Não. É mais no sentido de que... Eu penso que parti numa busca, e a busca de onde eu parti levou-me para um território onde o real se projectava em palavras” (LLANSOL, 2011, p.55-56).

Diferentemente, não é ao divino a que a escrevente se refere quando fala sobre o invisível. Por viver no texto – plano da arte, de acordo com os filósofos franceses – e ter consciência de sua existência nesse espaço, não recorre a qualquer outro plano quando intenciona apreender o sentido dos eventos que observa, reconhecendo, portanto, a plenitude do texto enquanto imanente a si mesmo¹⁴, isto é, meio no qual tanto a ação quanto seu sentido se cruzam. Por isso, quando Gabriela caminha rumo ao invisível, ela está indo a caminho do novo que está por vir, da potência presente no texto na condição de campo das possibilidades: “sentir o texto na sua imanência./ Porque/ Spinoza fala de Deus quase fazendo com que a fala escrita Deus-fosse./ Ele desaparece e volta sendo — Deus dissipou-se” (LLANSOL, 1998, p. 66).

As reverberações que o modo de olhar de cada figura gera no plano linguístico não se limitam ao jogo criado com os diferentes sentidos da palavra invisível. Ainda no mesmo fragmento, o comentário da escrevente tanto mostra que os caminhos abertos pelo olhar sustentam diferentes ordens sobre a linguagem, como também que essas ordens podem se anular quando se tira dessa relação a coisa que se interpõe entre o nome e o que ele designa. Ao dizer que o invisível, para elas, Não é a mesma coisa/ mas se não pensares em coisa/ é a mesma coisa, a escrevente lembra que a criação de sentido em cada mundo estético se faz a partir de um referente – a coisa. Porém, se esse referente é anulado, não há nada que justifique que o invisível de Teresa não possa ser o mesmo invisível da escrevente. Como se nota ainda nesse excerto, Llansol sabe que é impossível construir qualquer sentido quando há a anulação da coisa – “Repito que não é a mesma coisa. Eu sei” –, mas com esse exercício de apagamento, ela nos lembra que a coisa surge de uma escolha arbitrária a ligar os nomes, escolha que pode ser refeita a partir de uma alteração do olhar.

Sabe-se que a alteração do modo de olhar é uma possibilidade nesse texto, posto que as figuras não estão condicionadas a seguir um único caminho. No caso de Teresa, não apenas temos conhecimento que seu olhar pode se transformar, como somos informados antecipadamente que isso irá acontecer, graças a duas indicações: a primeira delas está na quarta capa, momento em que já é anunciado que os vestígios que agem sobre essa figura condicionando seu olhar não permanecerão no decorrer da escrita: “Conhece a biografia, e **passa adiante**. Sabe da heroína, e **não lhe interessa**. Admira a crente **sem desposar o seu movimento**” (LLANSOL, 1998, Quarta capa, **grifo nosso**). A segunda indicação é mais complexa, uma vez que a escrevente apresenta uma ligação com Teresa completamente inesperada: Reconheci-a por si própria mal entrou neste texto, próximo do espaço da varanda, afagando Melissa e tornando-se **a figura que eu ia des-cobrir em mim**, ou seja, à beira do nosso amor de reciprocidade (LLANSOL, 1998, p. 14, **grifo**

14 Ainda complementando com a perspectiva de Deleuze e Guattari: “Neste momento moderno, não nos contentamos mais em pensar a imanência a um transcendente, quer-se pensar a transcendência no interior do imanente, e é da imanência que se espera uma ruptura. (DELEUZE, GUATTARI, 2000, p.58).

nosso).

Ao isolar o prefixo “des” acima citado para afirmar que iria “des- cobrir” em si a figura de Teresa, a escrevente indica algo a mais do que apenas um simples reconhecimento. Retirar o que encobre Teresa é apontar para um lugar de si que sempre estivera presente, mas que se achava velado. Llansol não estabelece uma simples relação de semelhança, como se algures houvera agido como Teresa age naquele momento, pois a reconhece como figura de *si*. Investiguemos, então, o processo de transformação pelo qual Teresa passa para que se capte o que Gabriela viu logo que avistou a companheira, essa parte de si que se destaca para além de todas as características que as diferem.

Tendo em vista que *Ardente texto Joshua* apresenta o desdobramento da relação de amor, *amor e conhecimento* entre Teresa e o ardente texto, como anunciamos no início desta seção, é certo que os ensinamentos que Joshua legará à jovem figura derivam do que se registrou de suas ações, das atitudes que tornaram sua vida exemplar. Assim, o que vemos Teresa constantemente mencionar, principalmente no início do texto, são as formas de sacrifício que o ardente texto realizou em benefício da humanidade. Porém, além da abnegação, a ressurreição também é um dos ensinamentos que essa figura lega e cuja importância será fundamental à Teresa, pois é por essa atitude que aprenderá a forma mais inesperada de transformação:

Teresa pegou no lápis e na figura do Joshua, apagou todos os traços do apolo solar
o ramo caiu quase sem ruído, viu-se, então, no quarto de cama,
o olhar original que teresa¹⁵, a criança filha de si mesma, teria quando o abrisse. Arte singular, voz clara,
essa perturbação que assalta o coração quando salta sobre a inteligência e com ela vence o espaço sem apoio. Mas, antes, talvez o quarto todo sentisse em relação a ela — a nova imagem —,
o que eu sinto em relação ao disperso; quando, pela primeira vez, o todo se dispersou para nunca mais ser todo, esperou e dormiu pela primeira vez. Acordou, pela primeira vez, dentro da cama,
a mancha de sangue não era qualquer promessa de paraíso,
e teresa despertou próximo da janela de onde jorrava a luz que enchia o quarto, havendo uma estreita união de claridade entre quem recebia a luz e a imagem onde estava projectado.
O que era diferente encontrava-se com o diferente,
e saudava-o exclamando: — Oh! (LLANSOL, 1998, p. 62-63).

O trecho transcrito foi retirado do capítulo de *Ardente texto Joshua* que se inicia com a indicação “Sintra, 28 de março de 1997/sexta” (LLANSOL, 1998, p. 57). A menção à data aqui é fundamental para analisarmos o processo que se acompanha na cena anterior, dado que essa sexta é Sexta-feira Santa, dia em que se lembra a crucificação e morte de Joshua.

O texto, contudo, traz muito mais do que uma lembrança: ele apresenta o que seria

¹⁵ Apesar de o uso de minúscula para o nome próprio não ser constante, ele aparece após a transformação do olhar da figura, como se nota na passagem transcrita. Por essa razão, daremos preferência ao uso de minúsculas ao tratarmos de algumas especificidades desse ser figurado após sua transformação.

uma outra cena de morte, a de Teresa. Esta, que até então via sua doença piorar, não demonstrava qualquer traço de pessimismo, uma vez que aguardava o prometido paraíso, anunciado àqueles que vivessem tal como Joshua viveu. Como esse era o fim previsto em outro lugar e a jovem figura encontrava-se no texto – onde não há morte e tampouco sua sequência –, ao dormir em direção ao fim, Teresa descobre novamente a vida por meio do novo olhar que a aguardava quando despertou daquele que seria seu último descanso. No lugar da morte, o texto de Maria Gabriela Llansol oferece a ressurreição: o abandono de uma forma de colher as imagens a partir do real para adquirir-se outra, e, conseqüentemente, outras imagens. O olhar de Teresa, que distinguia certo e errado, foi deixado para trás em benefício de um olhar original – novo, único – mas que, diferente do anterior, era uma forma ciente de ser apenas *uma* forma entre várias, e o que possibilita tal consciência acerca da pluralidade é justamente o fato de a ressurreição permitir que as figuras conheçam seu caráter textual: A última vontade, testamento, livro, é o que fica do morrer: o morrer que se eterniza em sobrevivência (LOPES, 2013, p. 99).

Acreditamos que o processo de ressurreição de Teresa se realizou com a ajuda do texto Joshua e por meio dele. Isso porque no momento em que se juntou ao ardente texto e apagou seu caráter de apolo solar foi que Teresa conseguiu se desvincular dos limites que via pelo texto. Aqui é a reunião das figuras que favorece o movimento delas pelo texto na direção do que procuram, mesmo que tal alvo seja desconhecido de todas, pois, como diz Mourão, (2003) em *O fulgor é móvel*: [...] os estados do sujeito vão-se alterando na presença do Outro (o Prazer do Amante) ou vão-se indeterminando, tornando indiscernível o estatuto do sujeito: coisa, pessoa, deus (MOURÃO, 2003, p. 17-18). Teresa descobre um novo mundo no instante em que seu olhar passa a enxergar além de onde recai a luz que o apolo Joshua projeta, passando finalmente a apenas caminhar ao lado de seu companheiro, ambos como iguais na qualidade de texto, mostrando-nos que a relação de amor e leitura por um texto não cerceia, ao contrário, liberta.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que *Ardente texto Joshua* reúne uma vasta gama de obras literárias em seu fazer, que se mostram desde a Bíblia, passando pelos diários de Teresa do Menino Jesus até à própria obra anterior da autora portuguesa, percebe-se que o sentido dessa obra constrói-se na consciência que o leitor ganha desses diálogos.

Da mesma forma, a construção da figura de Teresa e sua transformação em outra figura a partir do que seria sua “morte” dentro da obra aponta que a aprendizagem por meio da leitura do texto é a própria chave da criação de novos caminhos. O texto llansoliano mostra-se assim como um meio pelo qual os seres passam a ler – ler os eventos, os outros seres, as outras obras – e por todas essas leituras tornam-se aptos a reconhecer mais e mais caminhos para ler.

A intertextualidade, trazida nessa obra pela forma de “vestígios”, não só abre para um novo meio de ler esse título, visto que muitas passagens podem se tornar incognoscíveis sem indicação de suas interlocuções. Llansol, portanto, cria um texto cuja compreensão se amplia de modo exponencial a cada leitura, fomentando a experiência pela obra.

REFERÊNCIAS

LLANSOL, M. G. *Aestheticum Convivium*. In: ____: **Onde vais, drama-poesia?** Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

_____. **Ardente texto Joshua**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

_____. **Entrevistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011a.

_____. **Um falcão no punho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.

_____. **Lisboaleipzig 1** O encontro inesperado do diverso. Lisboa: Rolim, 1994.

BARRENTO, J. Da alma e da sua liberdade. In: BARRENTO, J.; SANTOS, M. E. (Org.). **Llansol: A Liberdade da alma**. Lisboa: Mariposa Azul, 2011. p. 75-95.

BARRENTO, J. (org.). **O que é uma figura?** Diálogos sobre a obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação. Lisboa: Mariposa Azul, 2009.

GUERREIRO, A. O texto nômade de Maria Gabriela Llansol. **Colóquio/Letras, Lisboa**, n. 91, p. 66-69, 1986. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=91&p=66&o=p>. Acesso em: 23 dez. 2015.

LOPES, S. R. **Teoria da des-posseção**: Sobre textos de Maria Gabriela Llansol. Lisboa: Averno, 2013.

MAIA, E. A. **Textualidade Llansol**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

MOURÃO, J. A. **O fulgor é móvel**: em torno da obra de Maria Gabriela Llansol. Lisboa: Roma, 2003.

SANTOS, M. E. **Como uma pedra-pássaro que voa**: Llansol e o improvável da leitura. Lisboa: Mariposa Azul, 2008.

_____. A figura: consistência e devir. In: BARRENTO, J. (org.). **Nada ainda modificou o mundo...**: Actualidade em Llansol. Lisboa: Mariposa Azul, 2010.

PERSONAGENS QUE VAGUEIAM: A INTERSECÇÃO FICCIONAL EM DULCE MARIA CARDOSO

Data de aceite: 02/05/2023

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

FCLAr/UNESP

Araraquara – SP

<http://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

RESUMO: Intersecção ficcional é o termo que propomos para nomear as personagens que vagueiam por entre os romances de um mesmo escritor. Nesse caso, averiguamos a intersecção ficcional nos romances *Campo de sangue*, *Os meus sentimentos* e *O chão dos pardais*, de Dulce Maria Cardoso. Objetivamos, assim, definir essa intersecção ficcional e averiguá-la nos romances citados, buscando a verificação de seus sentidos. Para tanto, emprestamos o termo intersecção da antropologia no Prefácio de *Marcadores sociais da diferença: fluxos, trânsitos e intersecções*, por Lília Schwarcz, bem como entrevistas da autora em que ela comenta seu processo de escrita e de construção de personagens. Para a construção de nosso conceito, aproveitamos os de Parsons sobre personagens nativas e imigrantes e o de auto-intertextualidade trabalhado por Leonel.

PALAVRAS-CHAVE: Dulce Maria Cardoso;

intersecção ficcional; literatura portuguesa.

CHARACTERS THAT WANDER: THE FICTIONAL INTERSECTION IN DULCE MARIA CARDOSO

ABSTRACT: Fictional intersection is the term we propose to name the characters that wander among the novels of the same writer. In this case, we verified the fictional intersection in the novels *Campo de sangue*, *Os meus sentimentos* and *O chão dos pardais*, by Dulce Maria Cardoso. Thus, we aim to investigate this fictional intersection in the aforementioned novels, seeking to verify their meanings. To this end, we borrow the term intersection of anthropology in the Preface of *Marcadores sociais da diferença: fluxos, trânsitos e intersecções*, by Lília Schwarcz, as well as interviews with the author in which she comments on her writing and character building process. To build our concept, we took advantage of the Parsons on native and immigrant characters and the self-intertextuality worked on by Leonel.

KEYWORDS: Dulce Maria Cardoso; fictional intersection; Portuguese literature.

1 | INTRODUÇÃO

Intersecção ficcional é o como nomeamos o fenômeno das personagens que vagueiam por entre os romances de um mesmo autor. Ilustrando o fenômeno nos romances de Dulce Maria Cardoso, a protagonista de *Os meus sentimentos*, Violeta, aparece no romance anterior da escritora, *Campo de sangue*, cujos personagens que reparam na presença de Violeta também aparecem na narrativa em que ela é protagonista. Além disso, Violeta surge em *O chão dos pardais*, próximo romance de Cardoso após *Os meus sentimentos*, como se impusesse o aviso de que não morreu no acidente.

O objetivo do presente estudo é salientar as relações estabelecidas entre os textos ficcionais de Cardoso por meio da intersecção de discursos romanescos, que possuem personagens invasoras advindas de outras narrativas da escritora.

Para tanto, contaremos com entrevistas da escritora, o conceito de intersecção no prefácio de *Marcadores sociais da diferença: fluxos, trânsitos e intersecções* (2019). Recorreremos ao conceito de intersecção na antropologia pela dificuldade enfrentada em encontrar textos teóricos e artigos que abordassem a questão de personagens que vagueiam por entre os romances de um escritor. Apesar disso, temos conhecimento das personagens nativas e imigrantes de Parsons (1980 apud AZEVEDO, 2015, p. 23), bem como da auto-intertextualidade proposto por Leonel (2000, p. 63-64). Exploraremos esses aspectos acerca do tema em voga para a construção de nosso conceito de intersecção ficcional.

2 | DULCE MARIA CARDOSO

Dulce Maria Cardoso (1964-) é uma escritora portuguesa. Nasceu em Trás-os-Montes, em Portugal, mas migrou com a família para Luanda com apenas 6 meses. A família retornou a Portugal com a descolonização da Angola em 1975. É advogada por formação e assim atuou até a escrita de *Campo de sangue* (2001), resultado de uma bolsa de criação literária do Ministério da Cultura Português. No conto “Autobiografia” (2014, p. 155), Dulce assume o papel de narradora e explica como assassinou o lado não artístico, ou seja, quem era antes de assumir-se como escritora, em uma narrativa interessantíssima acerca do autodescobrimento. Publicou, desde 2001, cinco romances (*Campo de sangue*, 2001; *Os meus sentimentos*, 2005; *O chão dos pardais*, 2009; *O retorno*, 2012; *Eliete: a vida normal*, 2018), três antologias de contos (*Até nós*, 2008; *Tudo são histórias de amor*, 2014; *Tudo são histórias de amor*, 2017 – edição brasileira com a adição de seis contos) e dois volumes infantis da série *A bíblia de Lôá* (2014), ilustrada por Vera Tavares. Por fim, temos *Rosas* (2017), uma obra híbrida, espécie de mistura de crônica com diário de viagem.

O fato de ser retornada aproxima-a do tema construído principalmente em *O retorno* (2011), cuja narrativa constitui o *corpus* majoritário dos estudos sobre sua obra. Essa

temática – questões relativas a deslocamento e identidade – é antecipada, mesmo que sutilmente, no romance *Os Meus Sentimentos*. E, como não podia ser diferente, o fato de ser retornada também vem à tona no conto supracitado, “Autobiografia”.

Dulce também foi premiada por diferentes trabalhos literários. Recebeu prêmios como o Grande Prêmio Acontece (*Campo de sangue*), o Prêmio da União Europeia para a Literatura (*Os meus sentimentos*), o Prêmio Pen Club Português (*O chão dos pardais*), o Prêmio Ciranda (*O chão dos pardais*) e Prêmio Oceanos (*Eliete: a vida normal*). Em 2012, recebeu do Estado Francês a condecoração de Cavaleira da Ordem das Artes e Letras. Atualmente, sua obra é publicada em cerca de vinte países, entre os quais Inglaterra, França, Itália, Holanda, Grécia e Argentina. Além das publicações pela Editora Asa e Tinta da China (atual), a autora publica contos em revistas e jornais, como é o caso do conto erótico “Chubby bunny” (2014) e de “O coração do meu mundo ou O papagaio que gostava de bolo de arroz” (2015), para as revistas *Visão* e *Piauí*, respectivamente. As antologias de contos são resultados da reunião de publicações desse cunho. Ademais, alguns dos contos e romances estão em fase de adaptação ou foram adaptados para o cinema e/ou teatro, como o romance *Os meus sentimentos* e o conto “Não esquecerás”, que foram encenados por Mónica Calle. Esse conto também foi adaptado para um curta-metragem homônimo por João Mário Grilo, lançado em 2016.

Quanto à riqueza de gêneros, além de romances, crônicas, contos e literatura infantil, Dulce Maria Cardoso já escreveu textos como três peças curtas para serem apresentadas no VIII Teatro das Compras em junho de 2016 e uma peça para o projeto Teatro Nacional D. Maria II intitulada *O sentido da vida*. Contudo, cabe ressaltar que os textos das peças não estão disponíveis para compra.

Vale lembrar, sobre a estrutura narrativa de sua obra e seu estilo, a riqueza e unicidade de suas produções, em especial *Os meus sentimentos*, que é pontuado unicamente por vírgulas. Pode-se supor que a escolha desse recurso foi motivada pelo fato de a narradora-protagonista, Violeta, apresentar o ocorrido de cabeça para baixo, no carro capotado, após um acidente automobilístico na estrada durante a madrugada. Por esse motivo, o discurso da narradora surge como um jorro de pensamentos e sentimentos, como se narrasse o filme de sua vida que passa em sua cabeça quando se imagina frente à morte.

Ainda, convém destacar que o estilo de Dulce foi definido em *Os Meus Sentimentos*, pois ela perdeu todo o romance devido a um vírus no computador e teve que reescrevê-lo de memória em um mês, como declarou em entrevista:

E [*Os meus sentimentos*] determinou o meu método criativo, que é o mais maluco. Porque o perdi. [...] Foi em 2004, para aí. Recebi um e-mail com um palhaço e cliquei no nariz. No dia seguinte tinha o computador todo preto. [...] eu, que ainda era casada na altura, disse ao meu marido: ou esqueço isto, esqueço a Violeta de vez, ou reescrevo de memória, enquanto está fresco. [...] E agora faço sempre isso: apago tudo. Já tentei não o fazer, mas não fica bem. É horrível, mas assim só fica o que me parece essencial. (CARDOSO,

Por fim, destaquemos que seu método de escrita foi definido no romance que ela diz ter sido o seu maior desafio formal (CARDOSO, 2017).

3 | OS ROMANCES DA ESCRITORA

Campo de sangue (2005), de 2001, cuja história se passa entre o final dos anos 90 e meados dos anos 2000, apresenta a história de um protagonista sem nome, um homem sustentado pela ex-mulher que fica obcecado por uma jovem, que acredita ser uma, mas que na verdade são cinco: a namorada do dono da Esplanada, a jovem que visitara a praia com a família, a moça do metrô, aquela com quem ele se envolve e aquela que ele mata. Esse homem vadio inventa diferentes vidas para si para agradar as diferentes mulheres da sua vida: a rapariga bonita (que na verdade são cinco), a ex-mulher, a dona da pensão onde vive e a mãe. O tédio e o tempo que ora passa muito devagar, ora muito rápido, conduzem-no – sem volta – ao caminho da violência. Ele, que acredita que todas as “raparigas bonitas” são a mesma, assassina uma vendedora de roupas na pensão onde morou com aquela jovem com quem se envolvera.

Por sua vez, *Os meus sentimentos* (2012), de 2005, cuja história se passa entre o final dos anos 90 e meados dos anos 2000, apresenta uma narradora-protagonista, Violeta, que conta a sua vida sob a perspectiva de quem a vê passar frente aos olhos, como em um filme, quando está possivelmente diante da morte. A protagonista, que sofreu um acidente de carro na estrada, está de cabeça para baixo e visualiza, numa gota que nunca desliza – o que indica o tempo parado enquanto esse filme passa em sua mente – as últimas coisas que fez antes de estar ali, ou seja, um resumo do seu possível último dia de vida. Enquanto narra o que seriam seus últimos momentos em ordem reversa, ela deixa escapar a história de sua vida: uma mulher obesa, rejeitada e que só conhece o amor “de ouvir falar” (CARDOSO, 2012, p. 59).

Já *O chão dos pardais* (2014), de 2009, cuja história se passa em 1997, conta a história de uma família tradicional portuguesa em que o pai, Afonso, é um homem poderoso e muito rico; a mãe, Alice, é dona de casa; a filha, Clara, é tradutora de romances (e lésbica, fato ignorado pela família) e o filho, Manuel, é médico fora de atuação porque está sofrendo processo pela morte de uma paciente. Na história, vemos o crescimento do ódio de Júlio – noivo da amante de Afonso, Sofia – que quando descobre que ela é prostituta de luxo e tem uma relação com Afonso, enlouquece e decide assassiná-lo. Tal decisão culmina em um suicídio de Júlio na festa de cinquenta anos de aniversário de Afonso.

Temos, ainda, *O retorno* (2013), de 2012, que conta a vinda da família de Rui de Angola para Portugal com a ponte aérea de 1975, resultante da descolonização da Angola. O romance retrata desde a violência sofrida pelo pai de Rui quando é capturado pelos negros

em Angola até a violência que era ser retornado em Portugal. O narrador-protagonista, Rui, partilha conosco sua perspectiva adolescente da situação, contaminando-nos com sua imaturidade de inocência e com a mudança dessas duas características quando decide ser o “chefe de família” até a quase mítica chegada de seu pai.

Por fim, *Eliete: a vida normal* (2018), do mesmo ano da edição, conta a história da mulher que dá nome ao romance e se passa em 2016. Eliete considera-se mediana em tudo: aparência, inteligência, vida familiar e amorosa. Apesar de nunca terem se casado, ela e Jorge mantêm uma relação de marido e mulher nas aparências – como nas redes sociais –, mas já não mantem nenhum tipo de afeto ou romantismo e têm vida sexual ativa programada: somente às sextas-feiras. A narrativa primeira se inicia após a queda da avó da narradora-protagonista. Após o acidente e a reação do marido, Eliete torna-se adúltera e envolve-se com homens do Tinder (aplicativo de encontros), até que se envolve romanticamente com o filho dos donos da casa de repouso onde coloca a avó. No final do romance, Eliete descobre ser neta de Salazar. Esse final se justifica pelo fato de essa ser apenas a primeira parte do romance, o que indica que haverá continuação dessa história.

Dentre os romances brevemente apresentados, nos ateremos aos três primeiros: *Campo de Sangue*, *Os meus sentimentos* e *O chão dos pardais*, cujos personagens vagueiam por entre as suas histórias.

4 | A INTERSECÇÃO

A priori, cabe a reflexão acerca do vocábulo “intersecção”. Na antropologia, ele é usado para nomear a relação cruzada entre marcadores sociais da diferença. No prefácio do livro *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções* (2019), Lilia Schwarcz define esses marcadores:

A expressão “marcadores sociais da diferença” transformou-se, assim, numa maneira de denominar essas diferenças socialmente construídas e cuja realidade acaba por criar, com frequência, derivações sociais, no que se refere à desigualdade e à hierarquia. O suposto do grupo era, também, de que “os marcadores” diziam respeito a uma agenda da antropologia, que tradicionalmente lidava com conceitos como “relatividade” e diferença”, não como características inerentes e inatas aos seres humanos, mas como relações sociais que produzem grande impacto no mundo das representações. O conceito dialogava ainda com outra concepção diletta da antropologia: a noção de “alteridade” na versão que Rousseau deu ao termo. Isto é, até mesmo em nosso trabalho cotidiano, antropólogos estudam “outros” para repensar a “si próprios”. (SCHWARCZ, 2019, p. 11).

Como afirma Schwarcz, os marcadores sociais da diferença são as “diferenças socialmente construídas”. Alguns exemplos de marcadores são: cor, gênero, etnia (como exemplo, refugiados), sexualidade, classe social, geração, escolaridade, deficiências

e região. Os marcadores denunciam relações de poder,¹ uma vez que o referente – considerado normal, de prestígio – é ser, respectivamente: branco, homem, não refugiado, heterossexual, classe média/alta, adulto, com ensino superior, não deficiente e que mora em região central (e não periférica). Podemos justificar o porquê de esse ser o referente, o considerado normal: a existência do preconceito e modos de pensar socialmente, que, nesse caso, surgem em diferentes formas – racismo, machismo, xenofobia, heteronormatividade e homofobia, desigualdade social, preconceito com jovens e idosos, preconceito com os menos escolarizados, com deficientes e com periféricos. E o preconceito/modo de pensar social não são as únicas dificuldades enfrentadas por desses grupos: temos, ainda, as pedras no meio do caminho enfrentadas para que tenham os mesmos direitos, ou seja, a dificuldade de atingir a equidade,² que difere da igualdade.

Ainda, cabe salientar o que a antropóloga afirma acerca da intersecção:

O tema da “relação” que se estabelecia entre marcadores sociais como raça e gênero, mas também geração, região, classe, geração, também estava presente em obras que liamos na época como os textos de Bhabha (1998), Crapanzano (2002), Pina Cabral (2005) e, mais adiante, de Anne MacClintock (2010), que nos ajudavam a conectar temas que pareciam, até então, pouco dados ao debate e sobretudo à intersecção. Ou seja, a compreensão era de que, se esses temas eram potentes em si mesmos, ganhavam novos significados quando entendidos conjuntamente e em tensão. Além do mais, ao invés de criar áreas em separado, esses intelectuais nos ensinavam a interconectar tais diferenças sociais e assim problematizar a definição em separado, que não poucas vezes passava por um processo de “normatização”. (SCHWARCZ, 2019, p. 9).

A intersecção, portanto, ocorre quando um mesmo indivíduo lida com mais de um marcador social. E a ideia do termo, da abordagem interseccional, é dar voz ao fato de que abordar os marcadores de forma interseccional tem resultado diferente da abordagem isolada de cada um, diversas vezes, em um mesmo indivíduo. Podemos exemplificar com uma mulher, negra e periférica. Averiguar como os marcadores afetam sua existência de forma segregada não confere a mesma experiência àquela vivida por essa pessoa, uma vez que ela convive com esses três estigmas concomitantemente. Logo, a abordagem interseccional surge para lidar com esses cruzamentos de marcadores. Averiguaremos, posteriormente, como esse termo – intersecção – nos será útil na análise do fenômeno ficcional por nós investigado.

1 É importante salientar o que Dulce Maria Cardoso já afirmou em entrevista sobre o título da sua antologia de contos *Tudo são histórias de amor* (2014): “São tudo histórias de poder. O meu lado otimista diz-me que podem ser histórias de amor. Mesmo o amor é o mais benigno de todos os poderes.” (CARDOSO, 2014).

2 “equidade significa tratar desigualmente os desiguais, investindo mais onde a carência é maior” (GOVERNO FEDERAL)

5 | A INTERSECÇÃO FICCIONAL NA OBRA DE DULCE MARIA CARDOSO: PERSONAGENS IMIGRANTES E AUTO-INTERTEXTUALIDADE

Averiguemos, agora, a relação entre a intersecção de Schwarcz e o fenômeno ficcional das personagens que vagueiam por entre os romances de Cardoso. Assim, as considerações da antropóloga servirão de paralelo para nossas considerações acerca da intersecção dos romances de Cardoso. Assim como os marcadores sociais da diferença se interseccionam e geram uma experiência para o indivíduo diferente daquela resultante da análise compartimentada de cada marcador social em sua vida, os romances e personagens de Cardoso ganham outro sentido quando interseccionam entre si.

Temos consciência do assunto já ter sido abordado na literatura (e da aparente desnecessidade de recorrer à antropologia) quando Parsons (1980 apud AZEVEDO, 2015, p. 23) nos apresenta as personagens nativas e imigrantes. Em Azevedo, tem-se uma ideia introdutória do pensamento de Parsons, uma vez que esse último nos foi impossível encontrar no Brasil. Azevedo afirma (2015, p. 23):

Um personagem pode ser nativo ou imigrante. Segundo Parsons: “a character native to (created in) a history have all and only those nuclear properties attributed to them in the history” (1980, p. 183). Ou seja, personagens imigrantes têm propriedades além aquelas que são atribuídas a eles nas suas histórias.

Assim, em *Campo de Sangue*, Eva e o protagonista são nativos, mas em *Os meus sentimentos*, imigrantes; em *Os meus sentimentos*, Violeta é nativa, mas em *Campo de sangue* e em *O chão dos pardais* ela é imigrante. Nesse último, Sofia e Júlio são nativos, mas em *Os meus sentimentos* eles figuram personagens imigrantes.

O conceito de Parsons corrobora para nossa ideia de intersecção ficcional: “personagens imigrantes têm propriedades além aquelas que são atribuídas a eles nas suas histórias” (AZEVEDO, 2015, p. 23). Uma vez que essas personagens têm propriedades a mais do que àquelas que lhe foram atribuídas em sua história original, é como interseccionar marcadores sociais da diferença na verificação da vivência de uma pessoa que é cruzada por mais de um deles. Mas, nesse caso, averigua-se a intersecção de informações sobre as personagens que são disparadas em outro(s) romance(s) além daqueles em que são nativas.

Além disso, temos o conceito de auto-intertextualidade trabalhado por Leonel (2000, p. 63):

Tratamos, até aqui, da intertextualidade referida às relações entre textos diferentes de autores diversos. Todavia, a nossa investigação centra-se num *corpus* especial: textos diferentes de um mesmo autor. As operações de retomada, nesse caso, de um lado, são as mesmas envolvidas no processo de intertextualidade. De outro lado, têm especificidade. Daí ser necessária uma reflexão sobre o pressuposto fundamental da pesquisa – o da recuperação, realizada por Guimarães Rosa, de procedimentos de um texto em outro.

Nesse aspecto, Cardoso cria uma teia de intertextualidade entre seus três romances que aqui destacamos, recuperando personagens e preconizando outras, dando a ideia de intertextualidade com especificidade que a autora menciona. Leonel (2000, p. 64) por fim cita a auto-intertextualidade: “A pesquisa que desenvolvemos, ou parte dela, pode ser nomeada com mais pertinência como estudo centrado na auto-intertextualidade rosiana vista como um dos procedimentos de criação do escritor.” Assim, Cardoso também utiliza a auto-intertextualidade (a teia de relações entre personagens e romances cujo cruzamento é necessário para o entendimento global de ambos) como um procedimento de criação. Como cita em entrevista:

São como os amigos que, depois de não os vermos há bastante tempo, de repente os avistamos quando estamos em um sítio qualquer. Não é mais do que isso. Apesar de ter terminado um romance e nunca mais escrever sobre a personagem principal, de vez em quando ainda penso e sei algo deles, e assim eles continuam a aparecer como figurantes em outros livros. (CARDOSO, 2017, p. 169)

Assim, cria-se a auto-intertextualidade de que fala Leonel. Tal conceito corrobora com nossa criação da intersecção ficcional, uma vez que, uma vez criada essa teia, é necessário verificar os cruzamentos realizados entre as personagens nos referidos romances, com o propósito de entender qual é a diferença feita quando se averigua a personagem em sua totalidade – onde é nativa e onde é imigrante – para a interpretação dessa e dos romances em voga em sua completude.

Assim, passemos à verificação dos romances e sua intersecção ficcional, conceito agora destrinchado e demonstrado que, dele, fazem parte as personagens nativas e imigrantes de Parsons (1980 apud AZEVEDO, 2015, p. 23) e a auto-intertextualidade de Leonel (2000, p. 63-64).

Violeta, que aparece em *Campo de sangue* e *O chão dos pardais*, parece ter sua percepção de si confirmada no primeiro e a certeza de que está viva no segundo. Quando Violeta narra *Os meus sentimentos*, ela nos passa a ideia de que todos a percebem como odiosa, como ela mesmo parece perceber-se: uma mulher obesa e em quem todas as mulheres temiam se transformar. Ou seja, ela é o espelho do futuro desgraçado. A percepção da protagonista de Eva, personagem de *Campo de Sangue*, e do protagonista sem nome denunciam como o outro vê Violeta:

Eva pediu-lhe para olhar para uma mulher que estava do lado esquerdo dele, mais atrás. Ele virou a cabeça e viu uma mulher gorda, que tinha cabelos molhados escorridos nas costas. Tinha-se untado com um creme branco que lhe acentuava a carne em harmónio.

– Tenho medo de ficar assim – confessou Eva –, aquela mulher se calhar já foi de outra maneira e agora, tenho medo, achar que um dia vou ficar assim, consegues imaginar-me assim?

– Claro que não – respondeu-lhe sem desviar os olhos da mulher que bebia uma cerveja –, mas não te parece que ela não se importa?

– Isso é que é estranho – disse Eva incapaz de compreender.

A mulher levantou a mão para chamar o empregado, imitando o gesto que Eva fizeram ainda há pouco.

– Nunca se sabe quando é que começamos a ficar iguais aos que... aos que nos desagradam. Eva desviou rapidamente os olhos. (CARDOSO, 2005, p. 17-18)

O trecho do romance anuncia que Violeta já existia no imaginário de Dulce antes mesmo da escrita e publicação de *Os meus sentimentos*. Esse fato dialoga com o que a escritora afirma em entrevista a Mariana Oliveira: para ela, as personagens vão se impondo, não as cria em sua mente, e sim vai conhecendo-as como vai-se conhecendo um amigo ao invés de cria-lo (CARDOSO, 2020).

Retomamos outra entrevista, dessa vez a Bruno Mazolini de Barros (CARDOSO, 2017, p. 169), em que Cardoso aborda essa questão de as personagens serem suas amigos quando questionada sobre o fenômeno a que nomeamos de intersecção ficcional:

Pergunta: Que efeito busca com a reverberação de personagens entre seus romances? É interessante ver Eva, de *Campo de sangue*, aparecer em *Os meus sentimentos*; por sua vez, temos um vestígio do destino de Violeta, de *Os meus sentimentos*, em *O chão dos pardais*.

Dulce Maria Cardoso: Eu tenho uma resposta muito simples para isso: é porque eles continuam a existir em mim. São como os amigos que, depois de não os vermos há bastante tempo, de repente os avistamos quando estamos em um sítio qualquer. Não é mais do que isso. Apesar de ter terminado um romance e nunca mais escrever sobre a personagem principal, de vez em quando ainda penso e sei algo deles, e assim eles continuam a aparecer como figurantes em outros livros.

Assim, aquilo a que chamamos de intersecção ficcional foi notado pelo entrevistador em questão, embora ele não tenha descrito o fenômeno em sua completude (faltou pontuar a presença de Violeta em *Campo de sangue* e a do protagonista sem nome em *Os meus sentimentos*).

Outro encontro entre Eva e o ex-marido, de *Campo de sangue*, e Ângelo e Dora, de *Os meus sentimentos* é descrito também nesse último, sob a percepção da narradora-protagonista, que imagina o encontro que ocorre, em sua imaginação, após sua suposta morte³:

(...) a Dora diz baixinho ao Ângelo, este homem que está aqui sentado ao nosso lado está farto de esperar, ainda bem que não te atrasaste, não gosto nada de esperar, (...) uma mulher entra no café e sorri para o homem da mesa ao lado, a Dora diz, estava à espera desta mulher, a mulher que chegou tem um casaco cinzento que fica bem com este dia chuvoso e cheira a perfume caro, a mulher cumprimenta o homem de forma discreta, como se não devesse

3 A discussão acerca da morte imaginada pela protagonista é desenvolvida na dissertação de mestrado da autora: “Assim sendo, o acidente é narrado no capítulo um, e sabemos que a personagem permanece no veículo durante toda a narração, pois menciona sua posição no carro diversas vezes ao longo da narrativa, inclusive após narrar sua suposta morte: “[...] parada nessa posição esquisita o tempo mostra-se como nunca o tinha imaginado, dentro dos meus ouvidos grilos, gri-gri grigrí, os olhos cegos por uma gota de luz [...]” (CARDOSO, 2012, p. 317)”. (BOZZO, 2019, p. 81-82).

estar ali, e depois senta-se e tira as luvas de cabedal fino puxando-as pelos dedos devagar, a Dora detem-se nas mãos da mulher, umas mãos muito magras, quase de cera, um pequeno diamante no anelar direito, parecem falsas as mãos que a mulher pousa sobre a mesa do café, aquele homem e aquela mulher portam-se como amantes, têm receio de que os olhos os denunciem, a Dora repara nos lábios da mulher que são da cor das bagas da romã, nunca tinha visto ninguém com lábios da cor das bagas de romã, a mulher tem uma voz pausada e pronuncia as palavras de uma maneira muito particular, atrasei-me por causa da chuva, uma pausa, não gosto nada destes dias, outra pausa, são horríveis estes dias, já viste há quanto tempo chove sem parar, e dizem que vai continuar, o homem abana os ombros, é tão esquisito o homem, não me importo, até acho que gosto mais destes dias do que dos de céu azul, confundem-me os dias de céu azul, o homem não ouve a mulher que diz, esta manhã fui nadar, faz-me muito bem nadar, a mulher parece habituada a que o homem não a ouça, o homem aponta para a rua e diz qualquer coisa que a Dora não consegue ouvir por causa das gargalhadas de um grupo de rapazes que ocupa uma mesa ao fundo do café, um dos rapazes tem escrito nas costas da camisola, have a nice day, a Dora retorna ao casal, / parece que estou dentro das nuvens, que faço parte das nuvens / o teto da piscina é transparente, deito-me na água e fico parada a olhar para o céu, / os pássaros nunca param no céu, um bater de asas que os cansa, que os leva sempre para outro lado, os pássaros / só param quando uma mão lhes serve de céu, a mão do meu pai / a Dora nem sempre consegue ouvir o que o homem diz, um tom de voz baixo, as palavras enroladas, ao contrário do da mulher, sonho muitas vezes que estou a voar, é um sonho muito vulgar mas conheço quem nunca tenha sonhado que voava, aliás há pessoas que não sonham, dormem apenas, limitam-se a dormir, deve ser muito triste, / bêtises, ma chérie, bêtises / o Ângelo toca no braço da Dora para a chamar, queres tomar o quê, a Dora sorri, as conversas dos outros distraem-me (...)

(CARDOSO, 2012, p. 340-342).

É interessante averiguar o fato de que para Violeta imaginar o casal, provavelmente lembrou-se do encontro com eles no referido episódio em *Campo de sangue*. Além disso, as mãos e lábios de Eva também são comentados em *Campo de sangue*: “A segunda mulher, a ex-mulher dele, (...) acende mais um cigarro e deixa queimar, distraída, na mão magra de pele muito branca. Umhas mãos de cera quase falsas como ele sempre lhe dissera.” (CARDOSO, 2005, p. 10-11) e “Eva era paciente, pediam um vinho tinto que Eva bebia com prazer, os lábios cor de romã ainda mais generosos,” (CARDOSO, 2005, p. 87). Além da aparência de Eva, o comportamento de amantes do casal, que na verdade é constituído por ex-marido e ex-esposa, também é apontado em *Campo de sangue*.

Portavam-se como amantes. Tomavam as precauções dos amantes. Chegavam separados com algum tempo de diferença e fingiam surpresa quando se viam para que aos olhos dos outros o encontro parecesse casual. Escolhiam os locais segundo as regras dos amantes, qualquer um desde que afastado de tudo que os pudesse denunciar. Gostavam de esplanadas perto do mar, encontravam-se muitas vezes em esplanadas. (CARDOSO, 2005, p. 15).

Vale destacar, ainda, a presença de Violeta em *O chão dos pardais*:

Faltavam duas estações para o destino deles, quando uma mulher se sentou ao lado de Sofia, uma mulher muito gorda, com o cabelo molhado, apesar do dia bonito de fim de Verão. Cheirava a tabaco e a cerveja e carregava dois sacos. Sofia espreitou para os sacos, com a mania de olhar para dentro de tudo, e viu várias amostras de ceras depilatórias. Sofia calou-se. Não queria que a mulher os ouvisse. Apesar do calor a mulher vestia collants e Sofia reparou que tinham uma malha caída. A mulher atenta ao olhar de Sofia disse, Foi por causa do acidente. (CARDOSO, 2014, p. 92).

Parece-nos que Violeta surge num momento logo após ao acidente: *cheirando cerveja (pois se embriagara antes do acidente): “estou bêbada, o coração magoa-me, o meu corpo ainda mais desconhecido do que os estranhos que o tomam”* (CARDOSO, 2012, p. 16); *collants de malha caída (como no dia do acidente em Os meus sentimentos): “se o funcionário falasse comigo ajudava-me a passar o tempo, olho para a malha caída que ainda não avançou mas que mantém a ameaça, daqui a um bocado sou um buraco enorme, vergonhoso,”* (CARDOSO, 2012, p. 148); *traz as ceras em sacos e está andando de metrô, porque o carro estaria danificado ou perdido após o acidente: “meu carro capotado num baldio, o meu saco de viagem preso num arbusto, as embalagens das ceras, os brindes das clientes e o caderno das contas espalhados na lama,”* (CARDOSO, 2012, p. 16). A personagem ainda afirma a Sofia que sua condição se devia ao acidente no final da citação: Foi por causa do acidente. (CARDOSO, 2014, p. 92).

Logo, pode-se inferir, de acordo com a entrevista da autora, que as personagens vão se impondo e se tornando presente nas histórias que já não são sobre elas, mas que ao mesmo tempo são, uma vez que todas fazem parte do imaginário da escritora. Desse modo, Violeta se impõe na presença do casal, bem como se impõe quando surge no metrô ao lado de Sofia e Júlio. A primeira imposição anuncia a existência já latente da personagem mesmo antes da escrita de *Os meus sentimentos*, bem como a visão do outro acerca de Violeta. Já a segunda imposição marca a voz de Violeta viva que se afirma como tal.

Percebe-se, assim, que a intersecção ficcional ocorre quando as personagens imigrantes adicionam a si e ao seu romance de origem uma nova percepção da personagem e da história. Na teia da auto-intertextualidade criada por Cardoso, a intersecção ficcional chega como uma forma de averiguar a completude das personagens e suas histórias, levando em consideração não só seu romance nativo, mas também aquele em que surge como imigrante.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, portanto, que há cruzamentos ficcionais entre os romances de Dulce Maria Cardoso: Violeta, protagonista de *Os meus sentimentos*, surge no romance anterior, *Campo de Sangue*, na presença de Eva e seu ex-marido. O casal aparece, em *Os meus sentimentos*, na presença de Ângelo e Dora, contudo, interpretamos que tal encontro

acontecera apenas no imaginário da protagonista Violeta, uma vez que é um evento que ocorre após sua morte, que é imaginada apenas pela personagem. Além disso, Violeta, em um momento posterior ao acidente (e com a aparência que tinha no dia desse), surge em *O chão dos pardais*, como se a escritora brincasse com o leitor atento, contando-lhe que Violeta está viva.

Para nomear esse fenômeno, emprestamos o termo “intersecção” da antropologia, mais especificamente da definição proposta por Lilia Schwarcz no prefácio de *Marcadores sociais da diferença: fluxos, trânsitos e intersecções*. Como a autora afirma, a intersecção, em antropologia, é o cruzamento entre os marcadores sociais da diferença (cor, gênero, sexualidade etc.), ou seja, a análise integral de uma pessoa que convive com mais de um marcador, e não mais segregada. Em literatura, empregamos o termo para “intersecção ficcional” nomear o cruzamento entre as personagens que vagueiam por entre os romances de um mesmo autor que, no caso, é Dulce Maria Cardoso.

Contudo, é importante ressaltar que não perdemos de vista os conceitos de personagens nativas e imigrantes de Terence Parsons (1980 apud AZEVEDO, 2015, p. 23), nem o de auto-intertextualidade de Leonel (2000, p. 63-64), aproveitando-os para construir nosso conceito de intersecção ficcional.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, G. A. de. *Um critério de identidade para objetos ficcionais*. Dissertação (mestrado). 85f. 2015. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BOZZO, G. C. B. *A não-pertença em Os meus sentimentos, de Dulce Maria Cardoso*. 2019. 101f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019.

CARDOSO, D. M. Entrevista à Alleid Ribeiro Machado. Dulce Maria Cardoso e Júlia Nery: olhares em torno da diáspora portuguesa em França e África. Entrevista. *Desassossego*. São Paulo, USP, v. 12, p. 95-119, 2014.

_____. Entrevista a Bruno Mazolini de Barros. “Portuga está lá”: entrevista com Dulce Maria Cardoso. Entrevista. *Abril*. Rio de Janeiro, UFF, v. 9, n. 18, p. 167-173, 2017.

_____. Entrevista a Cláudia Marques Santos. *If you walk the galaxies*. 28 abril 2017. Disponível em: <<http://ifyouwalkthegalaxies.com/dulce-maria-cardoso/>>. Acesso em: 29 de setembro de 2018.

_____. Entrevista a Gustavo Bom. Dulce Maria Cardoso: O que me fez pensar no que estamos aqui a fazer foi o olhar de um cão. *Diário de Notícias*. 17 ago 2016. Disponível em: <<http://www.dn.pt/portugal/entrevista/interior/dulce-maria-cardoso-o-que-me-fez-pensar-no-que-andamos-aqui-a-fazer-foi-o-olhar-de-um-cao-5342457.html>>. Acesso em: 20 ago 2016.

_____. Entrevista a Mariana Oliveira. Teatra: Episódio 9: Dulce Maria Cardoso. *Teatro Nacional D. Maria II*. 20 mai 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t0v8t4Hullw>>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

_____. Entrevista a Pedro Miguel Silva. Dulce Maria Cardoso. *Deus Me Livro*. 06 jul 2014. Disponível em: <<http://deusmelivro.com/entrevistas/dulce-maria-cardoso-6-7-2014/>>. Acesso em: 20 out 2016.

_____. Entrevista a Vanda Marques. O amor é o mais benigno de todos os poderes. Entrevista. *Jornal i*. 17 mar 2014. Disponível em: <<http://online.sapo.pt/383051>>. Acesso em: 7 de agosto de 2016.

_____. *O chão dos pardais*. Lisboa: Tinta da China Portugal, 2014.

_____. *O retorno*. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2013.

_____. *Os meus sentimentos*. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2012.

_____. *Rosas*. Lisboa: Douda Correia, 2017.

_____. *Eliete: a vida normal*. Lisboa: Tinta da China, 2018.

GOVERNO FEDERAL. Sistema Único de Saúde (SUS): estrutura, princípios e como funciona. *Ministério da Saúde*. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/sistema-unico-de-saude>>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

LEONEL, M. C. *Guimarães Rosa: Magma e gênese da obra*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SCHWARCZ, L. K. M. Prefácio. In: HIRANO, L. F. K.; ACUÑA, M.; MACHADO, B. F. *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019.

ISSO É UM ANIMAL OU UMA PLANTA? FITONÍMIA REFERENTE A ANIMAIS: ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA

Data de submissão: 22/03/2023

Data de aceite: 02/05/2023

Mydian Cristiane da Rocha Santos

Universidade Estadual de Feira de Santana, discente Bacharelado em Ciências Biológicas.
Feira de Santana – Bahia
<http://lates.cnpq.br/3947159655553256>

Eraldo Medeiros Costa Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas. Feira de Santana – Bahia
<http://lates.cnpq.br/2521953264550977>

Gilberto Paulino de Araújo

Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Arraias.
Arraias – Tocantins.
<http://lates.cnpq.br/3619414510173162>

RESUMO: As denominações populares das plantas constituem uma parte significativa da cultura popular relacionada com o mundo vegetal. São conhecimentos transmitidos historicamente por via oral, cuja riqueza tanto botânicos quanto linguistas se ocupam em registrar e estudar. O *corpus* deste trabalho pauta-se no registro de nomes das plantas que se relacionam direta e/ou indiretamente com os animais (referente zoonímico). A geração e a análise

do *corpus* ocorreram por meio da pesquisa bibliográfica com base em autores que se dedicaram ao estudo etnofarmacobotânico ou, de maneira mais específica, sobre o uso e a diversidade de plantas medicinais em diferentes comunidades da Bahia. O diálogo com a ecolinguística possibilitou a discussão sobre os elementos lexicais e semânticos que constituem os fitônimos formados a partir da referência aos animais. Os trabalhos investigados possibilitaram o levantamento e a sistematização dos fitozoônimos analisados. Em relação à análise, podemos destacar os seguintes elementos formadores dos fitônimos: (i) referência direta aos animais; (ii) referência a partes corporais dos animais; (iii) “produtos” metabólicos dos animais; (iv) outros elementos nominativos; e (v) verbos de ação. Registra-se um total de 42 famílias botânicas, com destaque para Leguminosae (n=16), Euphorbiaceae (n=9), Asteraceae (n=8), Boraginaceae (n=5) e Loranthaceae e Solanaceae (n=4). Quanto aos referentes animais, registram-se sete grupos taxonômicos, distribuídos em mamíferos (n=22), aves (n=10), répteis (n=7), anfíbios (n=1), “peixes” (n=1), insetos (n=3) e moluscos (n=1). Do total de 22 zoônimos para mamíferos, o lexema *boi*

aparece 13 vezes, seguido de vaca (7), de burro e macaco (4). Com relação às aves, o zoônimo galinha aparece oito vezes. Por meio da análise, observamos a inter-relação entre os elementos de ordem natural (referência a animais) e cultural (motivação no ato da nomeação e compartilhamento social dos significados). Nossas considerações finais são de que a compreensão da formação linguística do nome de um organismo é essencial nos estudos de etnobiossistemática.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora vegetal; Fitonomástica; Ecolinguística.

IS THIS AN ANIMAL OR A PLANT? PHYTONYMY REGARDING ANIMALS: ECOLINGUISTIC APPROACH

ABSTRACT: The popular names of plants constitute a significant part of popular culture related to the plant world. This is knowledge transmitted historically orally, whose richness both botanists and linguists are busy recording and studying. The corpus of this work is based on the registration of names of plants that are directly and/or indirectly related to animals (zoonymic reference). The generation and analysis of the corpus occurred through bibliographical research based on authors who dedicated themselves to the ethnopharmacobotanical study or, more specifically, on the use and diversity of medicinal plants in different communities in Bahia. The dialogue with ecolinguistics allowed the discussion about the lexical and semantic elements that constitute the fitonyms formed from the reference to animals. The works investigated made it possible to survey and systematize the analyzed phytozoonyms. Regarding the analysis, we can highlight the following forming elements of fitonyms: (i) direct reference to animals; (ii) reference to body parts of animals; (iii) metabolic “products” of animals; (iv) other nominative elements; and (v) action verbs. A total of 42 botanical families are registered, with emphasis on Leguminosae (n=16), Euphorbiaceae (n=9), Asteraceae (n=8), Boraginaceae (n=5) and Loranthaceae and Solanaceae (n=4). As for animal references, seven taxonomic groups are registered, distributed in mammals (n=22), birds (n=10), reptiles (n=7), amphibians (n=1), “fish” (n=1), insects (n=3) and molluscs (n=1). Of the total of 22 zoonyms for mammals, the lexeme boi appears 13 times, followed by cow (7), donkey and monkey (4). With regard to birds, the zoonym chicken appears eight times. Through the analysis, we observed the interrelation between elements of a natural order (reference to animals) and cultural (motivation in the act of naming and social sharing of meanings). Our final considerations are that understanding the linguistic formation of an organism’s name is essential in ethnobiological studies.

KEYWORDS: Vegetable metaphor; Phytonomastic; Ecolinguistics.

INTRODUÇÃO

A inter-relação (e dependência) dos seres humanos com o Reino Vegetal é mais que perceptível e comprovada. Desde o ar que respiramos, passando pela alimentação, os princípios ativos como fonte de compostos químicos para elaboração de medicamentos, os elementos simbólicos presentes nas artes, os aspectos mítico-religiosos, paisagismo etc. O mundo das plantas está inexoravelmente atrelado a nós, e com elas estabelecemos uma miríade de conexões arquetípicas e vitais a nossa sobrevivência em Gaia/Gea/Terra.

“Tal como nossos corpos evoluíram, somos, com as plantas, seres complementares na Unidade da Vida: o produto da fotossíntese é o oxigênio, que necessitamos para viver, e o produto de nossa respiração é o dióxido de carbono, que as plantas necessitam para viver” (LINS; COSTA NETO, 2022, p. 101).

Parte considerável do empreendimento humano é compreender-se no cosmos e dar sentido aos elementos que existem em seu plano físico e imagético. A vida no planeta Terra evoluiu para se expressar em centenas de milhares de espécies, dentre as quais situam-se os entes biológicos que pertencem ao reino das plantas. Ao longo de seu transcurso cultural, o ser humano (*Homo sapiens sapiens* Linnaeus, 1758) tem buscado identificar, discriminar e rotular linguisticamente essa rica explosão de espécies. Nesse sentido, identificar, nominar e classificar os elementos bióticos dos ecossistemas foi (e ainda é) uma condição *sine qua non* para a sobrevivência, manutenção e evolução dos grupamentos humanos, desde o momento em que os primeiros povos caçadores e coletores aprenderam a distinguir os vegetais comestíveis dos tóxicos, quais tinham propriedades curativas ou quais poderiam resultar úteis para fabricar materiais para serem usados na vida cotidiana (BONET, 2010).

Os seres humanos têm buscado denominações para as plantas, começando por aquelas que eram mais conhecidas por suas propriedades benéficas ou prejudiciais. Assim, formou-se um acervo de nomes de plantas com alusões aos aspectos morfológicos, espaços geográficos, enfermidades, sintomas, crenças mágico-religiosas, entre outras. (XIRAU, 1996, p. 7).

As denominações populares das plantas constituem uma parte significativa da cultura popular relacionada com o mundo vegetal. São conhecimentos transmitidos historicamente por via oral, cuja riqueza tanto botânicos quanto linguistas se ocupam em registrar e estudar (Bonet, 2010). Em outras palavras, a etnobotânica e a ecolinguística investigam as denominações populares das plantas nos territórios estudados. Com razão, a composição florística de uma região influencia na diversidade de nomes comuns das plantas. Isso foi verificado, por exemplo, no estudo de Van den Eynden *et al.* (2004), que registraram um total de 411 fitônimos correspondentes a 354 espécies de plantas silvestres comestíveis utilizadas por mestiços e indígenas da etnia Shuar do sul do Equador.

No Brasil, estudos voltados ao registro do conhecimento botânico tradicional começaram com André Thevet, Guilherme Piso e von Martius, que aproveitaram da nomenclatura indígena, mas não estudaram a glossologia e a taxonomia dos nomes das plantas (HAVERROTH, 1997). Garcia (1961/1962) tece considerações sobre a fitonímia Tupi-Guarani registrada no primeiro século da conquista. No início do século XX, Barbosa Rodrigues (1905 in HAVERROTH, op. cit.) publicou um estudo sobre nomenclatura botânica por indígenas da família linguística Tupi-Guarani e por Tapuios do Vale do Amazonas, Paraguai e Mato Grosso. Na década de 1960, Hartmann (1967) descreveu e analisou linguisticamente os nomes pelos quais os Bororo (povo indígena do Mato Grosso)

identificavam as plantas. A autora preocupou-se em registrar os princípios que orientavam a classificação e a categorização das plantas no ambiente de cerrado por essa etnia.

Reunindo um considerável número de estudiosos, Kffuri *et al.* (2019) demonstram que as pesquisas de fitonímia são complexas e multidisciplinares e podem ser ferramentas poderosas na recuperação do patrimônio cultural, na história do contato e das migrações dos povos, da análise cognitiva dos povos e do seu entorno, das religiões, na análise ecológica e do manejo e dispersão de plantas, de nomes científicos, no mapeamento linguístico e produção de dicionários, finalidade terapêutica, entre outros.

A atividade de nomear resulta do processo de categorização. Por sua vez, a categorização fundamenta-se na capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem. A esse processo segue-se o ato de nomear. Por essa razão a categorização é o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos. (BIDERMAN, 2006, p. 35).

Ao desenvolver um estudo etnolinguístico acerca do sistema fitonímico dos moradores de Tupe e Cachuy, que falam a língua Cauqui ou Jacaru (Lima, Peru), Escobar Zapata (2017, p. 43-44) diz que:

Uma classificação geral corresponderia às plantas silvestres ou selvagens frente às cultivadas; y, outras são mais específicas, por exemplo, centrando-se na forma ou 44 propriedades físicas da planta, das folhas, dos ramos ou dos frutos (alargadas, ovaladas, redondas, tubulares, estreladas etc.); na cor, odor, tamanho, textura, o a família a que pertencem. Em outros casos, leva-se em conta a relação ou semelhança da planta com alguns animais, com o homem, com alguma parte da natureza, etc.

De fato, o nome de uma planta pode ser baseado em seu significado ou uso cultural, suas características morfológicas, ou em seus hábitos (BERLIN, 1992). Um nome pode também indicar a semelhança da planta com outras. Desse modo, quando as pessoas nomeiam as plantas, elas as classificam, conscientemente ou não. Existem dois tipos básicos de nomes comuns de plantas: nomes primários e nomes secundários. Os nomes primários geralmente são uma expressão de uma palavra (monomial), mas podem ser complexos (binomiais), como, por exemplo, bela-emília (*Plumbago auriculata* Lam., Plumbaginaceae). Nomes secundários são complexos (binomiais) e ocorrem em conjuntos de nomes contrastantes que indicam relações hierárquicas entre um grupo de táxons de plantas, como orquídea-bambu, *Arundina graminifolia* (D. Don) Hochr., um tipo de Orchidaceae. Os descritores contrastantes referem-se quase sempre a características, distribuição ou uso da planta, e geralmente servem para diferenciar uma planta de espécimes relacionados semelhantes. Os gêneros populares geralmente possuem nomes primários, enquanto táxons específicos subordinados possuem nomes secundários. No âmbito da cultura popular, o modo de designar os vegetais varia notavelmente de uma área geográfica a outra, e pode haver diferenças marcantes entre zonas próximas.

Para Barrás (2000), a descrição lexicográfica de plantas oferece três tipos de denominações: 1) a denominação popular (nomes vulgares ou vernáculos); 2) a denominação nomenclatural (em geral de origem latina); 3) a denominação oficial, de divulgação ou semicientífica. O modelo de definição na lexicografia é a definição lógica ou aristotélica constituída por um elemento genérico e outro específico. A lexicografia é obtida fundamentalmente dos conceitos culturais, que têm sua origem nos moradores, adquirem seu significado pleno a partir do uso linguístico e se modificam pela intervenção de diversos fatores, entre eles a evolução da ciência (RIZZI, 2012).

Antonio Pamies (2014) diz que o reino vegetal ocupa um lugar de destaque entre as representações simbólicas que inspiram imagens verbais. A própria palavra *cultura* é por si mesma uma metáfora vegetal e todos os tipos de frutas, legumes, flores, árvores etc. podem conceituar os mais diversos fenômenos. Metaforicamente, usamos a “linguagem das flores” para simbolizar sentimentos e comportamentos humanos (p. ex., rosa = beleza feminina; crisântemo = luto; lírio = inocência; narciso = vaidade). Muitas vezes, a linguagem coloquial usa nomes de plantas para se referir a outras realidades, como partes do corpo humano (p. ex., tronco = torso; pau = pênis; glande = prepúcio).

Isso nos inspira e faz pensar sobre o processo de nomeação de plantas (medicinais) que trazem referentes a animais. Pamies (2014) fornece exemplos de plantas nomeadas com referentes animais nos idiomas árabe, francês, espanhol, português e russo. Alinei (2003) registrou os nomes de animais usados para designar diferentes referentes na Itália, inclusive plantas. As representações zoomórficas fazem referência também a atributos e propriedades dos animais. Por exemplo, *capra* designa as espécies *Bellis perennis* L. e *Spirea ulmaria* L.; *lupo* designa *Arum italicum* Mill., *Crataegus oxyacantha* L., *Salvia pratensis* L. e *Antirrhinum majus* L.

Em essência, o fato de que nomes de animais possam designar aspectos da paisagem, da flora, fenômenos naturais, doenças e outras condições humanas, ferramentas de trabalho e seres mágico-religiosos, tanto pré-cristãos quanto cristãos, representa uma forte evidência do papel central desempenhado pelos animais em estágios iniciais da cultura humana, e o enorme poder que foi atribuído a eles como uma consequência da dependência humana dos animais para sua sobrevivência. [E completa] Apenas assumindo que os animais estavam no centro do universo, como totens do grupo humano e criadores do mundo, é possível explicar o uso de nomes animais como motivo para o significativo dos aspectos mais importantes do universo. (ALINEI, 2003, p. 159).

A fitonímia Nheengatu de plantas antimaláricas utilizadas por indígenas do Alto rio Negro (KFFURI et al., 2019) revela exemplos de fitozoônimos (binomiais), tais como: **saracura-mirá** (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), **iauti-escada** ou escada-de-jabuti (*Phanera splendens* Spruce ex Benth.) e **buiuiu** (*Sabicea amazonensis* Wernham). No primeiro caso, saracura designa certas aves de pernas muito compridas e finas, enquanto **mirá** (**mbyrá**) significa pau ou pé. No segundo exemplo, o termo **iauti** em tupi antigo

significa jabuti. O vocábulo **buiuiu** poderia ser constituído pelos substantivos **Mboi** = cobra e **Yu** = espinho, uma cobra com espinhos. Os autores comentam que “o termo cobra faz sentido se levarmos em consideração a forma da planta (uma liana) e sua utilização e associações nos rituais xamânicos.”

Do ponto de vista ecolinguístico, o conhecimento etnobotânico revela elementos para além do processo de identificação e nomeação das espécies da flora de determinado território. Este processo demonstra um alto grau de **reflexão, interpretação e interação**. De acordo com Araújo (2014, p. 172),

Compreendemos o processo de nomeação como resultante da percepção da realidade imediata por meio da cognição e dos sentidos, representação do real através da categorização e classificação, e a conceptualização que resulta do compartilhamento ou socialização com outros membros da comunidade (nos diferentes contextos de interação comunicativa).

A compreensão da formação linguística do nome de um organismo é essencial nos estudos de etnobiossistemática. Daly (1998) enfatiza que o nome de um animal ou de uma planta aponta para um conceito, categoria ou táxon, que é um arquivo de história natural cheio de informação, uma vez que pode revelar, assim como, às vezes, obscurecer, como os processos de percepção, identificação e nomenclatura foram e estão organizados. Para Atran (1990), a obtenção do vocabulário (léxico) adotado por determinada população local seria o primeiro passo para acessar as informações sobre os diversos domínios cognitivos que compõem a mente e também uma forma de aproximação indireta da formação e difusão de conceitos relacionados ao universo pesquisado.

Diante do exposto, o presente trabalho analisa a formação de nomes populares de plantas medicinais que se relacionam, direta e/ou indiretamente, com referentes zoológicos (zoonímicos).

METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado tem como base a pesquisa bibliográfica. Vale ressaltar o caráter multimetodológico da investigação ao levarmos em consideração o levantamento e a sistematização dos dados a partir da revisão de estudos etnobotânicos, assim como a análise dos elementos lexicais e semânticos em diálogo com a ecolinguística.

A respeito da metodologia em ecolinguística (ou linguística ecossistêmica), Couto (2018) detalha as diversas possibilidades de desenvolvimento de uma pesquisa a partir da perspectiva complexa ou ecológica, denominada ecometodologia. Para fins desse trabalho, adotamos o método da focalização, descrito pelo autor como a melhor forma de análise para quem precisa estudar determinado fenômeno ou aspecto mais específico da língua. Este método foi proposto pelo linguista Mark Garner em sua obra *Language: an ecological view*.

O conceito de focalização implica prestar bastante atenção a um problema ou fenômeno contra o pano de fundo do contexto em que ele ocorre. Em um filme, a câmera pode focalizar, por exemplo, a face de um ator a fim de chamar a atenção para uma expressão particular, mas, durante o tempo em que os outros elementos da cena estiverem fora de foco, estão ainda lá como um pano de fundo essencial para entender a expressão. Mesmo se a face toma conta de toda a tela temporariamente, excluindo todo o resto, a câmera pode retroceder a fim de abarcar o contexto maior. (GARNER, 2004, apud COUTO, 2018, p. 29).

Nesse sentido, a geração e a análise do *corpus* ocorreram por meio da pesquisa bibliográfica com base em autores que se dedicaram ao estudo etnofarmacobotânico ou, de maneira mais específica, sobre o uso e a diversidade de plantas medicinais em diferentes contextos socioculturais do estado da Bahia (COSTA NETO; OLIVEIRA, 2000; RODRIGUES; GUEDES, 2006; PINTO *et al.*, 2006; CUNHA LIMA *et al.*, 2012a, 2012b; FEIJÓ *et al.*, 2013; CARDOSO, 2016; GOMEZ *et al.*, 2016; NETO GALVÃO *et al.*, 2021; entre outros). A base bibliográfica foi feita consultando-se o Google Acadêmico, mediante a busca pelos seguintes unitermos: “plantas medicinais”, “conhecimento tradicional”, “etnobotânica”, “Bahia” e “cidades baianas”.

“A pesquisa bibliográfica oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final” (FONTANA, 2018, p. 66). Ressaltamos, assim, nosso esforço em contribuir com os estudos sobre fitonímia ainda que esta pesquisa seja fundamentada exclusivamente a partir da revisão de obras já publicadas. Em outras palavras “[...] embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” (GIL, 2002, p. 44).

A pesquisa bibliográfica, tal como esclarece Boccato (2006, p. 266), “[...] trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica”. Portanto, a importância da pesquisa bibliográfica está relacionada ao fato de se buscar novas descobertas a partir de conhecimentos já elaborados e produzidos. Desse modo, futuras pesquisas nesta área podem ser simplificadas reavaliando os trabalhos citados neste estudo, visando à praticidade e à qualidade da investigação dos pesquisadores (BRITO, 2021).

RESULTADOS

Os trabalhos investigados possibilitaram o registro de 124 espécies de plantas medicinais (considerando-se gênero e epíteto) cujos nomes são referentes zoonímicos (Quadro 1). As espécies vegetais foram devidamente classificadas em suas famílias botânicas, enquanto os animais citados foram identificados ao menor táxon possível.

Os dados referentes aos fitônimos são apresentados no Quadro 1 em que constam quatro colunas com: (i) fitozoônimos (designação popular ou nome da planta propriamente dito); (ii) nome científico; (iii) família botânica; (iv) autores que fundamentam a pesquisa bibliográfica. Registra-se um total de 42 famílias botânicas, das quais se destacam as seguintes em termos de representatividade: Leguminosae, registrada 16 vezes; Euphorbiaceae (n=9); Asteraceae (n=8); Boraginaceae (n=5) e Loranthaceae e Solanaceae (n=4).

Fitozoônimos	Nome científico	Família	Autores
Agasalho-de-anu	<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart.	Loranthaceae	Neto Galvão et al. (2021)
Água-de-elefante	<i>Alpinia speciosa</i> K. Schum.	Zingiberaceae	Rodrigues e Guedes (2006), Gomez et al. (2016)
Alecrim-de-boi	<i>Lippia cf. pohliana</i> Shauer	Verbenaceae	Costa Neto e Oliveira (2000), Costa Neto et al. (1999)
Alfavaca-de-cobra	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	Moreira et al. (2002), Cunha Lima et al. (2012a), Feijó et al. (2013), Cardoso (2016), Gomez et al. (2016)
	<i>Ertela trifolia</i> (L.) Kuntze	Rutaceae	Gomes Neto et al. (2014)
Alfavaca-de-galinha	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Lamiaceae	Moreira et al. (2002), Feijó et al. (2013), Gomez et al. (2016)
	<i>Ocimum canum</i> Sims.		Borges e Bautista (2010)
	<i>Ocimum</i> sp.		Pinto et al. (2006)
Alfavaquinha-de-cobra	<i>Peperomia ampestr</i> (L.) Kunth.	Piperaceae	Tavares et al. (2019)
	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth		Rodrigues e Guedes (2006), Pinto et al. (2006), Borges e Bautista (2010), Gomez et al. (2016)
Alfavaquinha-de-galinha	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng) Link & Otto ex. Benth.	Lamiaceae	Neto Galvão et al. (2021)
Amor-de-burro	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Leguminosae	Sacramento et al. (2019)

Assa-peixe	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Asteraceae	Brito et al. (2015), Cardoso (2016), Tavares et al. (2019)
	<i>Vernonia polysphaera</i> Less.		Sacramento et al. (2019)
	<i>Vernonia</i> sp.		Costa Neto e Oliveira (2000)
	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.		Borges e Bautista (2010)
	<i>Vernonanthura brasiliiana</i> (L.) H.Rob. sin. <i>Vernonia brasiliiana</i> (L.) Druce		Almeida et al. (2014), Lisboa et al. (2017)
	<i>Vernonnanthura polyanthes</i> (Sprengel) Veja & Dematteis sin. <i>Vernonia polyanthes</i> Less.		Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Eupatorium altissimum</i> L.		Tavares et al. (2019)
Assa-peixe-branco	<i>Verbesina macrophylla</i> (Cass.) SF Blake		Feijó et al. (2013), Neto et al. (2014), Almeida et al. (2014)
	<i>Vernonia brasiliiana</i> (L.) Druce sin. <i>Vernonanthura brasiliiana</i> (L.) H.Rob.		Borges et al. (2006)
	<i>Vernonia polysphaera</i> Less.		Silva (2012)
Baba-de-boi	<i>Solanum hypocarpium</i> A.St.-Hil.	Solanaceae	Tavares et al. (2019)
	<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.	Malvaceae	Almeida et al. (2014)
Baba-de-boi-árvore	<i>Cordia rufescens</i> A.DC.	Boraginaceae	Neto Galvão et al. (2021)
Barba-de-barata	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	Leguminosae	Costa Neto et al. (2005), Silva (2012)
Barba-de-bode	<i>Aristida pallens</i> Cav.	Poaceae	Soares et al. (2021)
Batata-de-boi	<i>Ipomoea asarifolia</i> Roem. & Schult.	Convolvulaceae	Gomes Neto et al. (2014)
Batata-de-teiú	<i>Wibrandia</i> sp.	Cucurbitaceae	Gomes et al. (2008)
	<i>Cayaponia tayuya</i> (Mart.) Cogn.		Tavares et al. (2019)
	<i>Operculina alata</i> (Hem) Urban.	Convolvulaceae	Silva et al. (2022)
Beiço-de-boi	<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.	Leguminosae	Mota e Dias (2012)
Bico-de-galo	<i>Centropogon cornutos</i> (L.) Druce	Campanulaceae	Costa et al. (2006), Gomez et al. (2016)
Cabeça-de-formiga	<i>Croton lobatus</i> L.	Euphorbiaceae	Rodrigues e Guedes (2006)
Cainana	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	Rubiaceae	Silva (2012)
Cainaninha	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.		Borges e Bautista (2010)
Calumbi-de-boi	<i>Piptadenia viridiflora</i> (Kunth.) Benth.	Leguminosae	Gomes e Bandeira (2012)

Cambabá/ cambambá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolacaceae	Almeida e Bandeira (2010), Almeida (2011), Gomes e Bandeira (2012)
Camboatá	<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	Sapindaceae	Almeida e Bandeira (2010), Almeida (2011)
Cana-de-macaco	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Costaceae	Pinto et al. (2006), Cunha Lima et al. (2008, 2012a), Mota e Dias (2012), Paixão et al. (2016), Gomez et al. (2016)
	<i>Costus scaber</i> Ruiz & Pav.		Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.		Almeida et al. (2014), Gomez et al. (2016), Lisboa et al. (2017), Tavares et al. (2019), Sacramento et al. (2019), Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Costus arbicus</i> L.		Silva (2012)
Cana-de-macaco-vermelha	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe		Gomez et al. (2016)
Capim-de-burro	<i>Aloysia polystachya</i> (Griseb.) Moldunke	Verbenaceae	Tavares et al. (2019)
Capim-de-raposa	<i>Setaria parviflora</i> (Poir) Kerg.	Poaceae	Tavares et al. (2019)
Carrapicho-de-ovelha	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Costa Neto et al. (1999), Costa Neto e Oliveira (2000)
	<i>Krameria tormentosa</i> St. Hil.	Krameriaceae	Gomes e Bandeira (2012)
Carrapicho-de-boi	<i>Triumpheta semitrilobata</i> L.	Tiliaceae	Gomes et al. (2008)
Carrapicho-de-cavalo	<i>Krameria tormentosa</i> St. Hil.	Krameriaceae	Borges et al. (2006)
Catana-de-jacaré	<i>Smilax hilariana</i> DC.	Smilacaceae	Silva et al. (2012a)
Catinga-de-bode	<i>Sebastiania</i> sp.	Euphorbiaceae	Pinto et al. (2006), Gomez et al. (2016)
Catinga-de-porco	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Leguminosae	Silva et al. (2012a, 2012b), Melo-Batista e Oliveira (2014), Cardoso (2016), Araújo e Brito (2018), Tavares et al. (2019), Sacramento et al. (2019)
	<i>Croton echioides</i> Baill.	Euphorbiaceae	Rocha e Alves (2020), Cunha et al. (2012b)
	<i>Poinceanella microphylla</i>	Leguminosae	Almeida (2011)
	<i>Terminalia brasiliensis</i> (Cambess. Ex A.St.-Hil.) Eichler	Combretaceae	Santos et al. (2014)
Cavalinha	<i>Equisetum hyemale</i> L.	Equisetaceae	Santos et al. (2014)
	<i>Equisetum arvense</i> L.		Araújo e Brito (2018)
	<i>Equisetum giganteum</i> L.		Brito et al. (2015)
	<i>Equisetum</i> sp.		Alcântara Júnior et al. (2005)

Chá-de-burro	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich) Vahl.	Verbenaceae	Pinto et al. (2006)
Cipó-de-cainana	<i>Chiococca alba</i> L. Hitch.	Rubiaceae	Tavares et al. (2019)
Cipó-tripa-de-galinha	<i>Dalechampia tiliifolia</i> Lam.	Euphorbiaceae	Borges et al. (2006)
Coentro-de-boi	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	Almeida et al. (2014), Tavares et al. (2019), Farias et al. (2021)
Concha-de-ogun	<i>Gladiolus hortulans</i> L.H. Bailay	Iridaceae	Tavares et al. (2019)
Cravo-de-urubu	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass. subsp. <i>runderale</i>	Asteraceae	Borges et al. (2006)
Crista-de-galo	<i>Heliotropium cf. indicum</i> (L.) Lehm.	Boraginaceae	Moreira et al. (2002), Rodrigues e Guedes (2006), Neto et al. (2014), Almeida et al. (2014), Gomez et al. (2016)
	<i>Heliotropium elongatum</i> Willd.		Almeida (2011)
	<i>Heliotropium foetidum</i> DC et Salzn.		Costa Neto et al. (1999), Costa Neto e Oliveira (2000)
	<i>Centropogon cornutos</i> (L.) Druce	Campanulaceae	Costa et al. (2006), Gomez et al. (2016)
	<i>Celosia</i> sp.	Amaranthaceae	Silva et al. (2012a)
	<i>Celosia argentea</i> L.		Neto Galvão et al. (2021)
Dente-de-leão	<i>Taraxacum officinale</i> Weber	Asteraceae	Brito et al. (2015), Araújo e Brito (2018)
Enxerto-de-passarinho	<i>Phoradendron crassifolium</i> (Pohl ex. DC.) Eichler	Viscaceae	Moreira et al. (2002), Gomez et al. (2016)
	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Euphorbiaceae	Silva et al. (2012a)
	<i>Struthanthus</i> sp.	Loranthaceae	Costa Neto et al. (1999)
Erva-andorinha	<i>Euphorbia pilulifera</i> L.	Euphorbiaceae	Borges et al. (2006)
Erva-de-bem-te-vi	<i>Struthanthus springifolius</i> Mart.	Loranthaceae	Mota e Dias (2012)
Erva-de-bicho	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Polygonaceae	Brito et al. (2015)
	<i>Polygonum acre</i> H.B.K.		Borges et al. (2006)
Erva-de-passarinho	<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart.	Loranthaceae	Cunha Lima et al. (2008, 2012a), Melo-Batista e Oliveira (2014)
	<i>Phoradendron crassifolium</i> (Pohl ex. DC.) Eichler	Viscaceae	Borges et al. (2006)
Erva-de-pombinha	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	Silva et al. (2022)
Erva-mocó	<i>Solanum nigrum</i> L.	Solanaceae	Borges et al. (2006)
Escada-de-macaco	<i>Bauhinia splendens</i> Kunth.	Leguminosae	Melo-Batista e Oliveira (2014), Santos et al. (2014)
	<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.		Silva et al. (2022)

Escova-de-rato	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.		Neto Galvão et al. (2021)
Favaquinha-de-cobra	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	Almeida et al. (2014), Farias et al. (2021)
Feijão-de-boi	<i>Dioclea virgata</i> (Rich.) Amshoff	Leguminosae	Melo-Batista e Oliveira (2014)
Feijão-de-porco	<i>Canavalia ensiformis</i> (L.) DC.		Neto Galvão et al. (2021)
Fruto-de-paca	<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi) Endl.	Achariaceae	Costa et al. (2006), Gomez et al. (2016)
Grão-de-boi	<i>Bauhinia subclavata</i> Benth. in Mart.	Leguminosae	Almeida e Bandeira (2010), Almeida (2011)
Guinezinha	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolacaceae	Gomes e Bandeira (2012)
Jacaré	<i>Smilax hilariana</i> DC.	Smilacaceae	Silva et al. (2012a)
Lã-de-carneiro	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Asteraceae	Neto Galvão et al. (2021)
Língua-de-tatu	<i>Sida limifolia</i> Cav.	Malvaceae	Neto et al. (2014)
Língua-de-teiú	<i>Sida canifolia</i> Cav.		Mota e Dias (2012)
Língua-de-vaca	<i>Talinum patens</i> Willd.	Talinaceae	Costa Neto et al. (1999)
	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.		Almeida et al. (2014)
	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.		Gomez et al. (2016)
	<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burk.	Asteraceae	Borges et al. (2006)
Malva-de-jegue	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae	Almeida e Bandeira (2010), Almeida (2011)
Mandacuru-de-boi	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	Andrade (2008)
Mate-leão	<i>Ilex paraguariensis</i> St.-Hil.	Aquifoliaceae	Araújo e Brito (2018)
Olho-de-boi	<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth.	Leguminosae	Sacramento et al. (2019)
Orelha-da-onça	<i>Tibouchina grandifolia</i> Cogn.	Melastomataceae	Tavares et al. (2019)
Orelha-de-vaca	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	Tavares et al. (2019)
Orelha-de-urubu	<i>Anthurium affine</i> Schott	Araceae	Silva (2012)
Palma-de-gado	<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Mill.	Cactaceae	Andrade (2008)
Papo-de-peru	<i>Aristolochia birostris</i> Duch.	Aristolochiaceae	Borges et al. (2006)
Pata-de-burro	<i>Centella ampestr</i> L. Urb.	Apiaceae	Tavares et al. (2019)

Pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Leguminosae	Cunha Lima et al. (2008), Brito et al. (2015), Oliveira (2015), Cardoso (2016), Gomez et al. (2016), Paixão et al. (2016), Marisco et al. (2017), Tavares et al. (2019), Rocha e Alves (2020), Farias et al. (2021)
	<i>Bauhinia variegata</i> L.		Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Bauhinia monandra</i> Kurz.		Rodrigues e Guedes (2006), Almeida et al. (2014), Gomez et al. (2016)
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.		Freitas e Rodrigues (2006), Soares et al. (2021)
	<i>Bauhinia candicans</i> Benth.		Silva (2012), Tavares et al. (2019)
	<i>Bauhinia catingae</i> Harms.		Costa Neto et al. (1999)
	<i>Bauhinia longifolia</i> (Bong.) Steud.		Gomez et al. (2016)
	<i>Bauhinia macrostachya</i> Benth.		Silva et al. (2022)
Pau-de-formiga	<i>Cordia nodosa</i> Lam.	Boraginaceae	Almeida et al. (2014)
Pata-de-vaca-branca	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Leguminosae	Neto Galvão et al. (2021)
Pau-de-rato	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Leguminosae	Silva et al. (2012a), Melo-Batista e Oliveira (2014), Sacramento et al. (2019)
Pau-sapo	<i>Heliotropium transalpinum</i> Vell.	Boraginaceae	Santos et al. (2014)
Pé-de-galinha	<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) Willd.	Poaceae	Mota e Dias (2012)
Pega-pinto	<i>Boerhavia coccinea</i> Willd.	Nyctaginaceae	Silva et al. (2012a)
	<i>Boerhavia diffusa</i> L.		Gomes e Bandeira (2012), Soares et al. (2021), Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Boerhavia hirsuta</i> Willd.		Costa Neto e Oliveira (2000), Cunha et al. (2012b)
Pimenta-de-macaco	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae	Gomes et al. (2008), Melo-Batista e Oliveira (2014)
Pimenta-de-passarinho	<i>Solanum nigrum</i> L.	Solanaceae	Costa Neto e Oliveira (2000)
	<i>Capsicum baccatum</i> L.		Neto Galvão et al. (2021)
Pimenta-de-galinha	<i>Solanum nigrum</i> L.	Solanaceae	Borges et al. (2006)
Pulga-do-campo	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Violaceae	Cunha et al. (2012a), Gomes e Bandeira (2012), Gomez et al. (2016)
Purga-de-lagarto	<i>Operculina alata</i> (Hem) Urban.	Convolvulaceae	Silva et al. (2022)

Rabo-de-raposa	<i>Harrisia adscendens</i> (Gürke) Britton & Rose	Cactaceae	Andrade (2008)
	<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Asteraceae	Neto Galvão et al. (2021)
Rabo-de-raposa	<i>Verbesina cf. macrophylla</i> (Cass.) Blake	Asteraceae	Mota e Dias (2012)
Rabo-de-rato	<i>Equisetum hyemale</i> L.	Equisetaceae	SILVA (2016)
Remela-de-cachorro	<i>Leandra australis</i> (Clam.) Cogn.	Melastomataceae	Neto Galvão et al. (2021)
Remela-de-gato	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don		COSTA et al. (2006), Gomez et al. (2016)
Surucucu	<i>Calathea rotundifolia</i> Poepp & Endl.	Monantaceae	Gomez et al. (2016)
Suspiro-de-cachorro	<i>Cnidocolus quercifolius</i> Pohl	Euphorbiaceae	Tavares et al. (2019)
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd.) DC	Rubiaceae	Brito et al. (2015)
	<i>Mimosa arenosa</i> Poir.	Leguminosae	Melo-Batista e Oliveira (2014)
	<i>Piptadenia stipulaca</i> (Benth.) Ducke		Almeida (2011), Gomes e Bandeira (2012)
Unha-de-vaca	<i>Bauhinia</i> sp.	Leguminosae	Moreira et al. (2002)
	<i>Bauhinia longifolia</i> (Bong.) Steud.		Gomez et al. (2016)
Velame-de-bode	<i>Croton campestris</i> Muell. Arg.	Euphorbiaceae	Soares et al. (2021)
Venta-de-vaca	<i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC.	Leguminosae	Neto Galvão et al. (2021)
Xinxim-de-galinha	<i>Cleome aculeata</i> (L.) Raf. sin. <i>Cleome affinis</i> DC.	Cleomaceae	Moreira et al. (2002), Feijó et al. (2008), Gomez et al. (2016)
Xixi-de-galinha	<i>Cleome affinis</i> DC. sin. <i>Cleome aculeata</i> (L.) Raf.		Pinto et al. (2006), Gomez et al. (2016)
	<i>Cleome aculeata</i> L. sin. <i>Tarenaya aculeata</i> (L.) Soares Neto & Roelson		Mota e Dias (2012) Neto Galvão et al. (2021)

Quadro 1. Fitozoônimos que identificam espécies de plantas medicinais em diferentes contextos socioculturais do estado da Bahia, Brasil.

Em relação ao levantamento e à sistematização dos fitozoônimos analisados, podemos destacar os seguintes elementos formadores dos fitônimos: (i) referência direta aos animais; (ii) referência a partes corporais dos animais; (iii) “produtos” metabólicos dos animais; (iv) outros elementos nominativos; e (v) verbos de ação.

As espécies animais associadas aos nomes populares de plantas medicinais pertencem a sete grupos taxonômicos (Tabela 1), distribuídos em mamíferos (n=22), aves (n=10), répteis (n=7), anfíbios (n=1), “peixes” (n=1), insetos (n=3) e moluscos (n=1). Do total de 22 zoônimos para mamíferos, o lexema boi aparece 13 vezes, seguido de vaca

(7) e de burro e macaco (4). Com relação às aves, o zoônimo galinha aparece oito vezes.

Grupo taxonômico	Zoônimo popular	Zoônimo científico (pista taxonômica)
Mamíferos	Bode	<i>Capra aegragus hircus</i> Linnaeus, 1758
	Boi	<i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758
	Burro	<i>Equus africanus asinus</i> Linnaeus, 1758 x <i>Equus ferus caballus</i> Linnaeus, 1758
	Cachorro	<i>Canis lupus familiaris</i> Linnaeus, 1758
	Cambambá	<i>Conepatus semistriatus</i> Boddaet, 1785
	Carneiro	<i>Ovis aries</i> Linnaeus, 1758
	Cavalinha	<i>Equus ferus caballus</i> Linnaeus, 1758
	Cavalo	<i>Equus ferus caballus</i> Linnaeus, 1758
	Elefante	<i>Loxodonta africana</i> (Blumenbach, 1797)
	Gato	<i>Felis catus</i> (Linnaeus, 1758)
	Jegue	<i>Equus africanus asinus</i> Linnaeus, 1758
	Leão	<i>Panthera leo</i> (Linnaeus, 1758)
	Macaco	Primates
	Mocó	<i>Kerodon rupestres</i> (Wied-Neuwied, 1820)
	Onça	<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)
	Ovelha	<i>Ovis aries</i> Linnaeus, 1758
	Paca	<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)
	Porco	<i>Sus scrofa domesticus</i> Erxleben, 1777
	Raposa	Canidae
	Rato	Muridae
	Tatu	Dasyopodidae
	Vaca	<i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758
	Aves	Andorinha
Anu		Cuculidae
Bem-te-vi		<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)
Galinha		<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)
Galo		<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)
Guiné		<i>Numida meleagris</i> (Linnaeus, 1758)
Guinezinha		<i>Numida meleagris</i> (Linnaeus, 1758)
Peru		<i>Meleagris gallopavo</i> Linnaeus, 1758
Pinto		<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)
Pombinha		<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789
Répteis	Cainana	<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)
	Cainaninha	<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)
	Cobra	Squamata, Serpentes
	Jacaré	Crocodylia, Alligatoridae

	Lagarto	Squamata
	Surucucu	<i>Lachesis muta</i> (Linnaeus, 1777)
	Teiú	Squamata, Teiidae
Anfíbios	Sapo	Anura, Bufonidae
“Peixes”	Camboatá	Callichthyidae
Insetos	Barata	Blattodea, Blattidae
	Formiga	Hymenoptera, Formicidae
	Pulga	Siphonaptera
Moluscos	Concha	Molusca, Bivalvia

Tabela 1. Relação das espécies animais cujos zoônimos ou referentes zoológicos constituem os fitônimos de plantas medicinais do estado da Bahia, Brasil.

DISCUSSÃO

Destacamos no *corpus* a ocorrência de polissemia e sinonímia. A primeira é quando uma unidade léxica tem mais de um significado. Uma mesma denominação se aplica a diferentes espécies de um mesmo gênero, a espécies de gêneros diferentes da mesma família botânica e a espécies de famílias botânicas diferentes. Segundo Bonet (2010), as causas para a polissemia decorrem de: semelhança morfológica entre as espécies, plantas que compartilham habitat ou época de floração, propriedades ou usos semelhantes de diferentes espécies que recebem um mesmo nome etc. A sinonímia consiste na associação de mais de um nome popular a uma mesma espécie botânica. Trata-se de um fenômeno muito frequente, segundo o autor.

Como exemplo de polissemia, temos o lexema “carrapicho”, o qual está associado a mamíferos que possuem o hábito de pastar, como ovelha (carrapicho-de-ovelha, *Bidens pilosa* L.), boi (carrapicho-de-boi, *Triumpheta semitrilobata* L.) e cavalo (carrapicho-de-cavalo, *Krameria tormentosa* St. Hil.). Trata-se da designação comum a plantas das famílias das compostas, gramíneas, malváceas e tiliáceas, todas com frutos capsulares articulados, com pequenos espinhos ou pelos, que aderem às roupas e nos pelos dos animais (MICHAELIS, 2023). Uma estratégia de dispersão chamada zooscoria (STEFANELLO *et al.*, 2010).

Outro exemplo de fitozoônimo polissêmico é pata-de-vaca, que designa oito espécies de leguminosas do gênero *Bauhinia*, enquanto a etnovarietade pata-de-vaca-branca é usada apenas para se referir à espécie *B. cheilantha* (Bong.) Steud.

Costa Neto (2008) analisou os nomes comuns associados a espécies de maracujás (*Passiflora* spp.) presentes no estado da Bahia, tendo encontrado polissemia em pelo menos dois fitozoônimos, a saber: maracujá-de-cobra, o qual designa as *P. amethystina* Mikan, *P. mucronata* Lam., *P. foetida* L., *P. mansoi* [Mart.] Mast. e *P. contracta* Vitta; e maracujá-de-boi, que nomeia as espécies *P. cincinnata* Mast., *P. luetzelburgii* Harms e *P. edulis* Sims.

Como exemplos de sinonímia, citam-se: pau-de-rato e catinga-de-porco, que se referem à *Caesalpinia pyramidalis* Tul.; erva-mocó, pimenta-de-galinha e pimenta-de-passarinho, que designam a espécie *Solanum nigrum* L.

Em relação às partes animais, observamos 19 designações: barba, beíço, bico, cabeça, crista, orelha, olho, língua, dente, papo, pata, pé, unha, rabo, catana, grão, lâ, concha, venta. Língua e orelha prevalecem com quatro e três citações, respectivamente. Exemplos de espécies vegetais que trazem tais elementos em seus nomes populares são: *Mimosa arenosa* Poir., conhecida como unha-de-gato; *Sida limifolia* Cav., língua-de-tatu; *Smilax hilariana* DC., catana-de-jacaré; e *Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw., barba-de-barata.

Os elementos que compõem os fitozoônimos que fazem alusão a “produtos” metabólicos dos animais são: baba, catinga, remela, suspiro, xixi, enxerto, dos quais citamos alguns exemplos: suspiro-de-cachorro (*Cnidocolus quercifolius* Pohl), xixi-de-galinha (*Cleome affinis* DC.) e baba-de-boi (*Solanum hypocarpium* A.St.-Hil.).

Também merece destaque a presença de outros elementos nominativos, tais como água, amor, chá, escada, escova, agasalho e xinxim. O elemento “água”, por exemplo, é usado para nominar o fitozoônimo água-de-elefante, que corresponde à espécie *Alpinia speciosa* K. Schum., uma planta ornamental e medicinal da família do gengibre (Zingiberaceae). É amplamente utilizada como diurético, anti-hipertensivo, anti-ulcerogênico e sedativo (MAIA, 2011). O referente elefante provavelmente fora registrado erroneamente, pois o nome popular comumente usado para se referir a essa planta é água-de-alevante.

Embora se apresentem em número reduzido, foi possível observar dois verbos de ação na constituição de alguns fitozoônimos: assar, que compõe o binomial assa-peixe, nome comum para espécies da família Asteraceae (gêneros *Verbesina*, *Vernonia* e *Eupatorium*); e pegar, que entra na composição do binomial pega-pinto, o qual designa três espécies da família Nyctaginaceae (*Boerhavia diffusa* L., *B. hirsuta* Willd. e *B. coccinea* Willd.).

Além dos elementos formadores dos fitônimos supracitados, registram-se nominativos genéricos que merecem uma explicação adicional:

- a) O nominativo leão, que forma o fitônimo mate-leão (que remete ao chá da planta *Ilex paraguariensis* St.-Hil.), refere-se aqui à marca do produto e não efetivamente à expressão matar um/o leão (*Panthera leo* Linnaeus, 1758).
- b) Gado, que entra na composição do fitônimo palma-de-gado, uma espécie de Cactaceae forrageira – *Opuntia ficus-indica* (L.) Mil. – que é dada a animais de criação no sertão nordestino.
- c) Passarinho – aves de pequeno porte, da ordem Passeriformes, que incluem representantes de várias famílias aviárias.
- d) Peixe – termo genérico para animais vertebrados adaptados à vida aquática, com esqueleto ósseo ou cartilaginoso e temperatura variável segundo as oscilações

térmicas do ambiente.

Por meio da análise, observamos a inter-relação entre os elementos de ordem natural (referência a animais) e cultural (motivação no ato da nomeação e compartilhamento social dos significados). Vale ressaltar que o estudo não se voltou para a etimologia ou origem dos fitônimos, mas para o todo significativo que integra os nomes investigados (aspectos léxico-semânticos). Essa inter-relação presente no processo de nomeação dos fitônimos demonstra “[...] como os membros da comunidade captam o real, criam os sentidos, representam o real, categorizando e classificando linguisticamente o meio ambiente” (ARAÚJO; COUTO, 2013, p. 389). Os autores ainda destacam que isso ocorre da seguinte maneira:

O indivíduo percebe as coisas, capta o real, o que foi captado pela pessoa passa pela sensação, onde se cria os sentidos e daí ele representa a coisa, tudo isso passando dinamicamente pelo bio-psico-pulsional (biologismo, psiquismo, pulsão-energia) mais as intimações do meio social. Após essas etapas vem a da conceptualização, que consta de seu compartilhamento com outros membros de P [povo]. Resumindo: as coisas só se semantizam na mente dos indivíduos após a interação com outros membros de P, ou seja, semantizar é o mesmo que coletivizar, comunitarizar e lexicalizar. (ARAÚJO; COUTO, 2013, p. 390).

Esse processo é abordado por Couto (2021) e retomado por Silva M. (2021) em *O ecossistema mental da língua e a psicolinguística* ao tratar justamente do processo de formação onomasiológica das palavras. Isso quer dizer: parte-se do conceito (ou da coisa designada) em direção à palavra que a designa.

A seguir temos, então, a “ampulheta da lexicalização”, que ilustra o processo de formação onomasiológica mencionado (Figura 1).

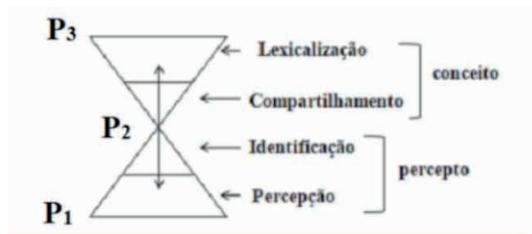


Figura 1 – Ampulheta da Lexicalização.

Fonte: Silva (2021).

Na figura, P₁ representa a percepção da coisa, ou seja, o que foi captado na interação com o meio, o real. Isso passa pela sensação e pelos sentidos. Em P₂, temos além da identificação a etapa da conceptualização, isto é, o compartilhamento com outros membros do ecossistema social. E por último, em P₃, a lexicalização, momento em que se

passa a conhecer determinado fenômeno e, assim, é possível se referir a ele, ou seja, o termo passa a constituir o léxico da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos a respeito da fitonímia popular são aliados no processo de conservação do conhecimento, assim como colaboram para a compreensão do histórico das relações das comunidades locais com a flora. Por conseguinte, é importante notabilizar a visão que as comunidades tradicionais possuem a respeito da flora, tratando-se também da sua classificação vernacular, já que essa, por sua vez, possui informações a respeito das características morfológicas, das propriedades e aplicações das plantas, além dos conhecimentos de fenologia, ecologia e etologia das espécies (MARTÍNEZ; CÚNEO, 2009).

A nomenclatura vernacular de plantas apresenta relevância à compreensão do sistema simbólico construído pelas comunidades tradicionais. Além de constituir uma ferramenta importante para a conexão entre os saberes populares e acadêmicos, os estudos fitonímicos também podem ser utilizados em concomitância com a educação ambiental, auxiliando na preservação da flora. De acordo com Torres (2023),

Estudos fitonímicos realizados na área de estudo também contribuirá para o enriquecimento do léxico popular e científico dos nomes que compõem cada uma das espécies vegetais costeiras, que na ordem social constitui um elemento de importância vital para elevar o nível cultural dos habitantes desses ecossistemas, bem como uma mudança de atitude dos mesmos em relação ao seu ambiente.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JÚNIOR, J. P.; AYALA-OSUÑA, J. T.; QUEIROZ, S. R. O. D.; RIOS, A. P. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais do município de Itaberaba-BA para cultivo e preservação. **Sitientibus, série Ciências Biológicas**, v. 5, n. 1, 39-44, 2005.

ALINEI, M. Names of animals, animals as names: a synthesis of research. In: MINELLI, A. *et al.* (orgs). **Convegno Internazionale I nomi degli animali**. Veneza: Instituto Veneto di Scienze Lettere ed Arti, 2003. p. 155-172.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador, EDUFBA, 2011.

ALMEIDA, M. Z. *et al.* Species with medicinal and mystical-religious uses in São Francisco do Conde, Bahia, Brazil: a contribution to the selection of species for introduction into the local Unified Health System. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 24, p. 171-184, 2014.

ALMEIDA, V. S. **Uso, manejo e estrutura da vegetação de caatinga por duas comunidades quilombolas do município de Jeremoabo, Bahia, Brasil**. 2011. 202 f. Tese (Doutorado em Botânica) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

ALMEIDA, V. S.; BANDEIRA, F. P. S. F. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, v. 61, n. 2, p. 195-209, 2010.

ANDRADE, C. T. S. **Cactos úteis na Bahia**: ênfase no semi-árido. Pelotas: USEB, 2008.

ARAÚJO, G. S.; BRITO, N. M.; OLIVEIRA, V. J. S.; SANTOS, E. B. Plantas medicinais comercializadas no município de Muritiba, Bahia. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 14, n. 1, p. 10-24, 2018.

ARAÚJO, G. P. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ARAÚJO, G. P.; COUTO, E. K. N. N. A semântica lexical vista pela ecolinguística. In: COUTO, E. K. N. N.; ARAÚJO, G. P.; ALBUQUERQUE, D. B. **Da fonologia à ecolinguística**: ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto. Brasília: Thesaurus, 2013.

ATRAN, S. **Cognitive foundations of natural history**. Londres: Cambridge University Press, 1990.

BARRÁS, L. La definición de términos científicos en distintas tradiciones lexicográficas: el caso de los zoónimos. **Panace@**, v. 1, n. 2, p. 85-86, 2000.

BIDERMAN, M. T. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 35-37, 2006.

BONET, M. Á. Fitonímia en llengua catalana: una aproximació a l'estudi dels noms de les plantes. **Llengua i Ús**, v. 47, p. 60-67, 2010.

BORGES, K. N.; BAUTISTA, H. P. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade de Cordoaria, Litoral Norte do estado da Bahia, Brasil. **Plurais**, v. 1, n. 1, p. 153-174, 2010.

BORGES, K. N.; BAUTISTA, H. P.; GUILERA, S. C. **Levantamento de plantas medicinais na microrregião de Feira de Santana, Bahia**. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA, 9., 2006, Salvador. Disponível em: <http://ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/3828>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRITO, N. M.; OLIVEIRA, V. J. S.; SANTOS, E. B. Plantas medicinais comercializadas no município de Cruz das Almas, Bahia, Brasil. **Revista Textura**, v. 8, n. 15, p. 134-140, 2015.

CARDOSO, B. M. **Levantamento etnobotânico no bairro Centro da cidade de Governador Mangabeira, Bahia**. 2016. 69 f. Monografia de Conclusão de Curso (Farmácia) – Faculdade Maria Milza, Governador Mangabeira. 2016.

CASTRO, J. A. *et al.* Ethnobotanical study of traditional uses of medicinal plants: the flora of caatinga in the community of Crovolândia-BA, Brazil. **Journal of Medicinal Plants Research**, v. 5, n. 10, p. 1905-1917, 2011.

COSTA NETO, E. M. Análise semântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de *Passiflora* (Passifloraceae) no estado da Bahia, Brasil. **Neotropical Biology and Conservation**, v. 3, n. 2, p. 86-94, 2008.

- COSTA NETO, E. M. *et al.* Utilização de plantas medicinais relacionadas a eventos do ciclo reprodutivo feminino e aos cuidados puerperais, no distrito de Oliveira dos Campinhos, Santo Amaro, Bahia. **Sitientibus, série Ciências Biológicas**, v. 5, n. 2, p. 125-127, 2005.
- COSTA NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M.; OLIVEIRA, R. P.; PINHEIRO, C. F. The use of medicinal plant resources in Retirolândia, state of Bahia, Brazil. **Actualidades Biológicas**, v. 21, n. 71, p. 97-109, 1999.
- COSTA NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M. The use of medicinal plants in the county of Tanquinho, state of Bahia, northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2000.
- COUTO, H. H. do. **A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica**. Campinas: Pontes, 2021.
- COUTO, H. H. do. A metodologia na linguística ecossistêmica. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)**, v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018.
- CUNHA LIMA, S. T. *et al.* The use of medicinal plants by an indigenous Pataxó community in NE Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 1, p. 84-91, 2012a.
- CUNHA LIMA, S. T. *et al.* Plantas medicinais usadas pela comunidade do povoado Laços (Tanhaçu/Bahia) e encontradas na floresta nacional Contendas do Sincorá. **Revista Caatinga**, v. 25, n. 3, p. 130-136, 2012b.
- CUNHA LIMA, S. T. *et al.* Levantamento da flora medicinal usada no tratamento de doenças metabólicas em Salvador, BA - Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 10, n. 4, p. 83-89, 2008.
- DALY, D. C. Systematics and ethnobotany: what's in a name? In: FONSECA, V. S.; SILVA, I. M.; SÁ, C. F. C. (orgs.). **Etnobotânica: bases para conservação**. Seropédica: EDuR, 1998. p. 50-68.
- ESCOBAR ZAPATA, E. **El sistema fitonímico de los pueblos de Tupe y Cachuy: un estudio etnolingüístico**. 2017. 386 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2017.
- FARIAS, P. dos S. *et al.* Plantas medicinais utilizadas por mulheres em comunidades quilombolas do recôncavo baiano. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, e328101219916, 2021.
- FEIJÓ, E. V. R. S. *et al.* Levantamento preliminar sobre plantas medicinais utilizadas no bairro Salobrinho no município de Ilhéus, Bahia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, n. 4, p. 595-604, 2013.
- FREITAS, T. A.; RODRIGUES, A. C. C. Etnobotânica das plantas medicinais de Madre de Deus, Bahia. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas**, v. 6, n. 2, p. 133-137, 2006.
- GARCIA, R. S. Considerações sobre a fitonímia Tupi-Guarani registrada no primeiro século da conquista. **Revista do Museu Paulista**, v. 13, p. 425-432, 1961/1962.
- GARNER, M. **Language: an ecological view**. Berna: Peter Lang, 2004.

GOMES, E. C. S. *et al.* Plantas da Caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental: Pesquisa e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 74-85, 2008.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botânica Brasileira**, v. 26, n. 4, p. 796-809, 2012.

GOMES NETO, F. R.; ALMEIDA, G. S. S. A.; JESUS, N. G.; FONSECA, M. R. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, n. 4, p. 856-865, 2014.

GOMEZ, M.; ROCHA, E. A.; GOMBERG, E. Análise das publicações etnobotânicas sobre plantas medicinais da Mata Atlântica na região sul do estado da Bahia, Brasil. **Fitos**, v. 10, n. 2, p. 115-140, 2016.

HARTMANN, T. **A nomenclatura botânica Borôro (materiais para um ensaio etnobotânico)**. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros: 1967.

HAVERROTH, M. Etnobotânica: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 20, p. 1-56, 1997.

KFFURI, C. W. *et al.* Fitonímia Nheengatu de plantas utilizadas no tratamento da malária no Alto rio Negro – Amazônia brasileira. **Ethnoscintia**, v. 4, 2019. DOI: 10.22276/ethnoscintia.v5i1.274.

LINS, A. C. E.; COSTA NETO, E. M. O que as plantas nos ensinam? Algumas considerações sobre a relação entre os seres humanos e o reino vegetal. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 8, n. 2, p. 100-125, 2022.

LISBOA, M. S. *et al.* Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. **Fitos**, v. 11, n. 1, p. 48-61, 2017.

MAIA, M. O. N. **Efeitos do óleo essencial *Alpinia speciosa* Schum, Zingiberaceae, no sistema nervoso central e muscular**. 2011. 50 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) – Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju. 2011.

MARISCO, G. *et al.* The use of herbal medicine in a rural community in Vitoria da Conquista, Bahia, Brazil: an indication for pharmacological studies. **International Journal of Complementary and Alternative Medicine**, v. 7, n. 1, p. 119-122, 2017.

MARTÍNEZ, G. J.; CÚNEO, P. Las denominaciones vernáculas y el conocimiento toba del entorno vegetal. Disparidades. **Revista de Antropología**, v. 64, n. 2, p. 149-168, 2009.

MELO-BATISTA, A. A.; OLIVEIRA, C. R. M. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade do semiárido baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental. **Enciclopédia Biosfera**, v. 10, n. 18, p. 74-88, 2014.

MICHAELIS. **Carrapicho**. Disponível em: michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/carrapicho. Acesso em: 14 jan. 2023.

MOREIRA, R. C. T.; COSTA, L. C. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacêutica Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-211, 2002.

MOTA, R. S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações**, v. 13, n. 2, p. 151-159, 2012.

NETO GALVÃO, M. *et al.* Ethnobotany applied to the selection of medicinal plants for agroecological crops in rural communities in the Southern end of Bahia, Brazil. **Fitos**, v. 15, n. 1, p. 40-57, 2021.

OLIVEIRA, L. R. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 10, n. 3, p. 25-31, 2015.

PAIXÃO, J. A. *et al.* Levantamento bibliográfico de plantas medicinais comercializadas em feiras da Bahia e suas interações medicamentosas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 13, n. 2, p. 71-81, 2016.

PAMIES, A. Provérbios fitonímicos e plantas proverbiais. In: SILVA, S. (ed.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**, v. 2. Campinas: Pontes, 2014. p. 79-104.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

RIZZI, C. A. Investigações sobre a construção do fitônimo CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística indígenas. **TradTerm**, n. 19, p. 214-247, 2012.

ROCHA, N. S.; ALVES, L. A. Prevalência do uso de plantas medicinais em uma Unidade de Saúde da Família no Município de Caetanos-BA. **Id on line Revista de Psicologia**, v. 14, n. 51, p. 237-249, 2020.

RODRIGUES, A. C. C.; GUEDES, M. L. S. Utilização de plantas medicinais no povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2006.

SACRAMENTO, A. A.; MARTINS FILHO, I. E.; REIS, L. A. Estudo etnobotânico das plantas medicinais comercializadas na principal feira livre num município do interior do Sudoeste baiano. **Revista Enfermagem Atual**, v. 89, n. 27, p. 1-8, 2019.

SANTOS, C. B.; PEREIRA, M. A. T. O uso de plantas medicinais da caatinga: as concepções dos moradores da Fazenda Fagundes em Curaçá-BA. **Revista Científica do UniRios**, v. 2, p. 194-225, 2020.

SANTOS, I. S.; SILVA, C. B. M. C.; FREITAS, J. S. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no município de Itapetinga, Bahia. **Revista Extensão e Cidadania**, v. 2, n. 4, p. 11-31, 2014.

SILVA, M. M. G. O ecossistema mental da língua e a psicolinguística. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 7, n. 2, p. 17-30, 2021.

SILVA, B. R. B.; ALMEIDA, C. F. C. Estudo etnobotânico de plantas medicinais de mata ciliar do submédio São Francisco, Nordeste do Brasil. **Ouricuri**, v. 10, n. 1, p. 11-26, 2020.

SILVA, E. M. G. B. **Uso e manejo de plantas por pescadores artesanais na Baía de Todos os Santos**: uma comparação entre a ilha e o continente. 2012. 148 f. Dissertação (Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SILVA, A. B.; SOUZA, M. F.; SILVA, A. B.; SILVA, A. H. B. **Plantas medicinais da caatinga mais comercializadas em feiras livres, Jequié, Bahia**. Disponível em: www.abhorticultura.com.br. Acesso em: 23 abr. 2022.

SILVA, N. C. B. *et al.* Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromática**, v. 11, n. 5, p. 435-453, 2012a.

SILVA, N. C. B.; REGIS, A. C. D.; ALMEIDA, M. Z. Estudo etnobotânico em comunidades remanescentes de quilombo em Rio de Contas, Chapada Diamantina, Bahia. **Fitos**, v. 7, n. 2, p. 99-109, 2012b.

SILVA, R. de C. M. **Relações produtoras do cuidado em práticas com plantas medicinais na estratégia de saúde da família em Juazeiro – Bahia**. 2016. 174 f. Tese (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SOARES, B. S.; ARAÚJO, J. S.; LIMA, J. R. O.; OLIVEIRA, E. P. S. Identificação e catalogação de espécies de plantas medicinais presentes nas comunidades atendidas pela incubadora de iniciativas da economia popular e solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS/UEFS). **Revista Mbote**, v. 2, n. 1, p. 10-32, 2021.

STEFANELLO, D. *et al.* Síndromes de dispersão de diásporos das espécies de trechos de vegetação ciliar do rio das Pacas, Querência – MT. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 1, p. 141-150, 2010.

TAVARES, F. *et al.* **Fazeres e saberes terapêuticos quilombolas**: Cachoeira, Bahia. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

TORRES, N. **La fitonimia y su impacto social en la comunicación y solución de los problemas ambientales**. Disponível em: <<https://www.monografias.com/trabajos33/fitonimia/fitonimia>>. Acesso em: 06 mar 2023.

VAN DEN EYNDEN, V.; CUEVA, E.; CABRERA, O. Of 'climbing peanuts' and 'dog's testicles', mestizo ans Shuar plant nomenclature in Ecuador. **Journal of Ethnobiology**, v. 24, n. 2, p. 279-306, 2004.

GABRIELA CRISTINA BORBOREMA BOZZO - Doutoranda em Estudos Literários (FCLAr/UNESP) e professora que ministra, desde o segundo semestre de 2022, no curso de graduação em Letras da FCLAr/UNESP, disciplinas da área de Literatura, a convite do departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da FCLAr/UNESP, mediante pagamento de auxílio financeiro didático acumulativo com a bolsa vigente (CAPES/PROEX). No doutorado, seu projeto de pesquisa é sobre a intertextualidade entre os romances de Dulce Maria Cardoso e suas epígrafes de Dulce María Loynaz, e está sendo realizado sob orientação da Profa. Dra. Guacira Marcondes Machado Leite. É bacharela e licenciada em Letras - português/inglês (UNESP, 2017), mestra em Estudos Literários (UNESP, 2019) e especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UTFPR, 2020). Na graduação, desenvolveu Iniciação Científica Departamental, cujo título foi “Traços do Surrealismo na composição de A torre da Barbela, de Ruben A.”, em que foram investigados aspectos do Surrealismo no romance que constituiu o corpus da pesquisa, que recebeu Menção Honrosa no Congresso de Iniciação Científica da UNESP em 2016. A Iniciação Científica foi realizada sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Valéria Zamboni Gobbi e sob a coorientação da Profa. Dra. Tania Mara Antonietti Lopes. Ainda na graduação, foi monitora voluntária e, posteriormente, bolsista de Literatura Portuguesa, sob supervisão da Profa. Dra. Renata Soares Junqueira, momento em que teve a oportunidade de ministrar aulas eletivas para sua própria turma. Já no mestrado, foi bolsista CNPq e, na dissertação intitulada “A não-pertença em Os meus sentimentos, de Dulce Maria Cardoso”, criou uma definição autoral do sentimento de não-pertença, nomeado de diferentes formas pelos pesquisadores de língua portuguesa, mas, até aquele momento, a então mestranda não encontrou definições para o termo. Essa criação teve como baliza teórica, principalmente, a psicologia social. Por fim, a pesquisadora averiguou a construção desse tema (não-pertença) pelas categorias narrativas no romance estudado. A dissertação foi realizada sob orientação da Profa. Dra. Maria Célia de Moraes Leonel. Na especialização, sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Pinheiro da Silveira, averiguou o problema do ensino de dissertação argumentativa no contexto pré-vestibular, propondo uma metodologia de ensino para tal. Por fim, é membra do Corpo Editorial (Conselho Técnico-Científico) da Atena Editora, tendo como responsabilidade a organização de e-books da área de Literatura.

A

Amor 17, 18, 23, 24, 25, 28, 30, 32, 39, 47, 56

Animal 40, 41, 45

Ardente texto Joshua 15, 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26

Auto-intertextualidade 27, 28, 33, 34, 37, 38

C

Condição fronteiriça 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13

Conhecimento 3, 17, 22, 23, 24, 28, 42, 45, 46, 58, 59, 62

D

Decolonial 1, 2, 3, 4

Dulce Maria Cardoso 1, 2, 4, 5, 13, 14, 27, 28, 29, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 64

Dulce María Loynaz 1, 2, 5, 13, 14, 64

E

Ecolinguística 40, 41, 42, 45, 59, 60, 61, 62

Epígrafe 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13

Estudos decoloniais 3, 13

F

Figuras 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 25

Fitonomástica 41

Fronteira 3, 4, 8, 9, 10, 11, 14

G

Gabriela Llansol 15, 16, 17, 20, 25, 26

Gaia 41

I

Intersecção 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38

Intersecção ficcional 27, 28, 33, 34, 35, 37, 38

Intertextualidade 15, 16, 26, 27, 28, 33, 34, 37, 38, 64

L

Leitor 7, 15, 16, 17, 18, 25, 38

Linguística 41, 42, 45, 59, 60, 64

Literatura 27, 29, 33, 38, 46, 64

Literatura portuguesa 27, 64

M

Metáfora 41, 44

Metáfora vegetal 41, 44

N

Não-pertença 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 38, 64

O

O retorno 1, 2, 3, 5, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 28, 30, 39

P

Personagem 9, 10, 33, 34, 35, 37, 38

Personagens imigrantes 33, 37

Personagens que vagueiam 27, 28, 33, 38

Planta 40, 43, 45, 47, 56

Poema 1, 2, 5

Poesia 10, 14, 15, 26

R

Romance 1, 2, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 20, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 64

Rosas 1, 2, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 28, 39

T

Terra 6, 7, 8, 41, 42, 63

V

Vestígios 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 26

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 5

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2023

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 5

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br